TODOS OS CORAÇÕES PARTIDOS

02



Todas as nossas promessas

L. JÚPITER

TODOS OS CORAÇÕES PARTIDOS



Todas as nossas promessas

L. JÚPITER

TODAS AS NOSSAS PROMESSAS
I edição
TODOS OS CORAÇÕES PARTIDOS - LIVRO 2

Copyright © 2022 Júpiter

Ilustração de capa: @anemonaii
Finalização de capa: @gialuidesign
Diagramação: @quintaeditorial
Betagem/revisão: @leticiawriter e @pigmalateia
Leitura sensível: @autoraisagomes

Esta é uma obra literária de ficção.
Todos os personagens, estabelecimentos e acontecimentos retratados são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.
Todos os direitos são reservados à autora.

É expressamente proibida a distribuição ou reprodução de toda ou qualquer parte desta obra por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a prévia permissão da autora.

Plágio é crime!

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

notas da autora

Oi, tudo bem?

Antes de começar a ler, *preciso* te dar alguns recados;

Todas As Nossas Promessas conta a história de Vicente e Tainá, sendo o segundo livro da série *Todos Os Corações Partidos*.

Aconselho que seja lido na ordem de publicação, tendo em vista que, alguns acontecimentos citados, só serão resolvidos/explicados ao longo dos próximos livros. Porém, sinta-se livre para ler na ordem que preferir, caso não se importe com esse detalhe.

Esse livro não tem intenção alguma de causar desconforto, mas eventualmente existem alguns gatilhos relacionados a **luto/perda** e **abandono parental**, também possui menção ao **câncer.**

Há insinuação sexual e linguagem imprópria. *A leitura é recomendada* para *maiores de 14 anos.*

Boa leitura.

Com amor, Júpiter

playlist

para acessar a playlist do livro, clique aqui ou aponte a câmera para o QR code abaixo;



sinopse

Quando você se foi, chorei. Senti falta de tudo o que fomos, mas principalmente de tudo que ainda podíamos ter sido.

Você disse que seria melhor para nós dois. Mas como poderia se, tudo que eu sempre quis, era ficar ao seu lado?

Todas as promessas que fizemos um para o outro pareceram não valer de nada quando nosso curto relacionamento foi posto à prova.

Sem olhar para trás, deixei com que se retirasse da minha vida e acabasse com o futuro que tínhamos juntos e não lutei o suficiente por nós.

Agora, seis anos se passaram, mas ainda te amo como no começo. Ainda te olho como da primeira vez. E ainda te sinto como se nunca tivesse ido embora.

Você cuida da ferida de todo mundo, mas e a sua? Quem cuida do seu coração apertado quando você deita? Com quem você divide as tristezas e alegrias de um dia cansativo?

As coisas seriam mais fáceis se estivéssemos juntos.

para quem é intenso
e não aceita menos
que tudo.

tô pra te contar que a felicidade depende da gente
a verdade é que com a gente eu me sinto muito mais feliz
tentei ser feliz sozinho, hoje eu me sinto tão diferente
a verdade é que hoje eu tenho tudo aquilo que um dia quis

Vida Toda – *L7NNON*

Bebezão,

nem tudo na vida é como a gente quer. Você vai entender um dia, e eu espero que não seja da pior forma.

Lembre-se sempre que Deus dá o frio, conforme o cobertor. Nada que Ele faz é em vão.

P.S.: você sempre foi meu favorito. Não deixe o Bruno descobrir isso.

Prólogo



e de repente, tudo muda…

João Vicente

Promessas são passageiras.

A voz que domina meu subconsciente há anos sussurra mais uma vez, me lembrando que, nesse jogo, sou um simples peão. O mais insignificante.

Eu nunca vou te deixar.

Ouvi isso de tantas pessoas, que agora, uma a mais ou a menos, já não faz tanta diferença assim.

Encaro a mulher à minha frente. Ela parece *tão* diferente da que conheci um dia. É como se fossemos dois desconhecidos, daqueles que se conhecem muito bem.

Seus cabelos ruivos estão perfeitamente alinhados, seus olhos verdes encaram qualquer lugar que não seja a mim, e seu rosto não demonstra o mínimo cansaço.

Amanda veste um terninho cinza e apagado, como se hoje, quisesse ser invisível.

— … só precisa assinar aqui, sr. Martins — um dos advogados instrui. — Após isso, o senhor assume a guarda unilateral da menor, nascida em onze de fevereiro de dois mil e vinte e um.

Respiro fundo, totalmente fora de mim.

— Quer mesmo fazer isso? — pergunto, pouco me importando com os milhares de advogados presentes na sala.

— Vicente — meu padrinho alerta, sabendo que essa, já é uma batalha perdida.

Só estou aqui por insistência dele, se quer saber. Não queria aceitar nada dessa família, já basta o que estão fazendo com a minha filha, mas Enrico me convenceu de que isso não tem nada a ver comigo, e sim com o bem estar da pequena, que dorme tranquila nos braços do único avô que vai conhecer.

— É o melhor para todos nós — responde, com a voz tão fria quanto um cubo de gelo. — Você vai entender um dia. Não vai fazer diferença para a menina.

Desvio o olhar dela, incapaz de conter a cara de desgosto com a forma em que ela se refere a *nossa filha*. Aquela que fizemos juntos e tem os mesmos olhos dela.

Olho para Renata, sua mãe, e ela me encara com uma melancolia que, nesse momento, também é minha. A senhora, nem ao menos disfarça em seu rosto abatido, o quanto discorda de toda essa história.

Como não percebi antes? Como não notei o quanto Amanda é egoísta?

Talvez Leonardo esteja certo, e eu realmente seja teimoso a ponto de não dar a mínima para os conselhos que minha família dá.

— Vamos logo com isso — Roger, meu ex-sogro, exclama já irritado. — Você disse que queria a bastardinha. Assine de uma vez, não queremos que isso ganhe proporções maiores das que desejamos.

Aperto as mãos em punho. Raiva e ódio percorrem todo o meu sangue enquanto o encaro, tão prepotente em sua máscara de dono do mundo. Por que essa é a última vez.

Ninguém nunca vai se referir a minha menina dessa forma. Ninguém nunca vai tratá-la como menos do que merece. Nunca.

A mão de meu padrinho circunda meu pulso por baixo da mesa, e eu respiro fundo, segurando a caneta que com certeza, vale mais do que ganho em um ano.

João Vicente L. Martins.

Assino, quase rasgando a folha de papel de tanta força que coloco.

Assino prometendo a mim mesmo que minha princesa nunca irá precisar do amor de ninguém a não ser o dela mesma.

Menos de um minuto após o termo de confidencialidade, um cheque é depositado na minha frente. Como se eu precisasse de um agrado por cumprir meu papel como pai. Como se minha princesa fosse uma mercadoria e eu, seu comprador.

Promessas são passageiras.

Mas então, por que sempre parecem demorar cada vez mais para cicatrizar?

O caminho para casa é feito em silêncio. Vez ou outra noto o olhar preocupado do meu padrinho, que por baixo das suas poucas marcas de expressões, me inspecionam já sabendo como me sinto por dentro.

— Você está bem?

— Não — respondo, porque nunca seria capaz de mentir para ele. — Mas vou ficar.

Um dia, quando eu tinha três anos, meu caminho se cruzou com o homem mais bondoso que conheço. Minha mãe, na época com vinte anos, resolveu arriscar a única chance que tinha levando seu primeiro romance até uma editora que havia acabado de surgir no mercado.

Com um marido alcoólatra e um filho nas costas, mesmo tão nova, não tinha com quem me deixar e resolveu me levar com ela. Aquela foi a melhor decisão que ela já teve.

Seu romance não teve a repercussão que esperava. Isso, ela só conquistou depois do terceiro romance. Mas naquele dia, nós dois ganhamos na loteria.

Enrico nos ajudou a subir na vida. Pagou meus estudos na mesma escola que os filhos e sobrinhos, fez minha mãe voltar a

estudar e deu a ela a oportunidade que todos os outros negaram. Dona Dandara nunca mais parou de escrever, e hoje em dia vive pelo mundo a fora, levando as histórias de amor que nunca viveu.

E eu, ganhei tudo que sempre quis.

Em algum momento vai parar de doer. Ou pelo menos, será menos doloroso.

Flashs do último ano em que vivemos juntos invadem minha memória. Todas as vezes que Amanda disse que nunca iria me deixar e o quão ansiosa estava para um futuro em que nós dois estivéssemos juntos. Eu, ela e nossos filhos.

Grande mentirosa.

Meu padrinho coloca a bolsa amarela nos ombros e eu pego minha bebê no colo com cuidado enquanto subimos para o nosso andar.

Ouço vozes dentro do apartamento das meninas, logo sei que todos estão aqui. Meu padrinho bate na porta e não demora muito para que a abram.

Encaro a reação de todos quando percebem o que seguro nos braços, quando desabo. A primeira lágrima escorre por meus olhos quando digo:

— É uma menina.

E é assim que dou à minha filha, uma das coisas mais preciosas que alguém pode ter: uma família. A melhor de todas elas.

A mesma que me ensinou o significado da palavra amor.

Capítulo 1



eu amei
nem sempre se calcula o risco
mesmo assim, eu amei
desperdicei tanto sorriso
mas no fim eu chorei

Fulminante – *Mumuzinho*

Tainá

Respiro fundo sentindo o ar límpido do Rio de Janeiro adentrar meus pulmões, o clima quente abraçar meu corpo. Fecho os olhos e por um segundo, me pego pensando em como consegui ficar fora por tanto tempo.

Poderia dizer que serviu para mostrar a mim mesma que sou capaz. *Queria poder dizer isso.* Mas é mentira.

Passei todo esse tempo na Itália porque queria provar para o meu irmão de que era tão capaz quanto ele de gerir *nosso* Império.

Mas agora, já chega.

Cansei daquela empresa, onde todos me olhavam torto, pelo simples fato de *acharem* que eu não deveria estar onde estou. Cansei dos olhares julgadores das pessoas e toda a avalanche de sentimento que me faziam sentir.

A filha bastarda de Daniele Basile, nunca seria o suficiente para o *Basile Hotel's.* Como se o pedaço de papel que ela mesma deixou, não fosse o suficiente para provar isso.

Daniele era a verdadeira dona da empresa. Criou e a geriu até engravidar de Gael e dedicar todo seu tempo para a maternidade. Manoel, assim, passou a comandar a empresa.

Quando ela engravidou novamente, foi uma surpresa para todos. Gael já tinha oito anos e Manoel mal ficava em casa. Foi quando descobriram que o pai da criança se chamava Fábio e era o motorista da família.

O resultado? Meu pai foi demitido e minha mãe precisou fazer uma escolha: continuar naquela casa e sofrer os maus-tratos que ele a submetia em silêncio, quando ninguém estava olhando, ou ir em embora com seu verdadeiro amor.

Toda ação tem uma reação. Já ouviu isso?

É comprovado.

Para não morrer apanhando, para não ser mais uma estatística, ela escolheu a última opção. Escolheu *viver* sua própria vida sem a sombra de um homem interesseiro e egoísta.

Mas para isso, deixou para trás aquele a quem sempre ocupou um espaço enorme em seu coração. Em uma briga na justiça, claramente manipulada, anos depois, quando eu já tinha cinco anos, Gael escolheu seu pai.

Ninguém pode contestar nada. Era ele quem escolheria em qual lado ficar.

Mamãe entrou em uma depressão profunda, da qual nunca conseguiu sair. Rejeitadas, era assim que nos sentíamos.

Depois, sozinhas. Já que meu pai morreu pouco depois, em um acidente de moto. Parece roteiro de filme, né? Uma desgraça seguida da outra.

Mas eu fui atrás do Gael. Quando completei dezesseis anos, fui até a faculdade em que ele estudava. Fazia dois meses desde a última vez que foi nos visitar.

Nossa mãe está morrendo.

Disse, sem cumprimentá-lo. Não falamos nada a caminho do hospital.

Mamãe quis se despedir dele a sós antes de falar com qualquer um. Depois fez com que eu e ele segurássemos uma de suas mãos.

A dor de perder tudo, somado ao agravamento do câncer no pulmão, fizeram-na se desgastar rápido demais. Em um dia estava bem, no seguinte gastávamos todo o dinheiro que tínhamos com exames e procedimentos, que, no fim, não obtiveram resultados.

Traga nosso menino de volta, mezzo[1].

Foi o que disse antes que seu aperto se afrouxasse ao redor da minha mão. Antes das máquinas apitarem como loucas. Antes da equipe médica entrar e arrancar meu pai de perto dela a força. Antes que seus olhos, sempre tão límpidos e amorosos, se fechassem.

Desde então, esse tem sido meu objetivo; trazer Gael de volta.

Mas ele não é tão simples. Gael consegue afastar todo mundo dele mesmo. Quase como um dom.

Pode parecer que não, mas um dia, já fomos próximos. Quando não era a pessoa fria e distante que é hoje. Quando não levava tão ao pé da letra as ordens e teorias absurdas de seu pai.

Nunca fui próxima de Manoel, o pai de meu irmão. Também nunca fiz questão. E, além disso, o próprio sempre fez questão de se manter o mais longe possível de mim, como se eu fosse uma doença contagiosa, principalmente depois que conseguimos que Gael passasse os fins de semana conosco.

Gael demorou a se costumar com isso. Manoel o envenenou a tal ponto que fez com que meu irmão acreditasse que *mamma*[2] saiu de casa porque havia escolhido a mim.

Era um homem frio. Sem escrúpulos. Seu nariz em pé, não permitia que enxergasse ninguém além dele mesmo e parte sua da empresa. E eu sinto tanto por Gael estar se tornando uma cópia daquele homem tão… infeliz.

Tropeço em meus próprios pés quando Zion tenta escapar da coleira. Tento contê-lo, mas o pitbull continua me levando até um dos arbustos do parque próximo de casa em que o tenho trazido para passear.

Se depender de Gael, seu dono, o bichinho morreria de tédio, então, sempre que posso, meu irmão o deixa no meu prédio para fazê-lo gastar energias.

Zion não fica constrangido em levantar a pata traseira e fazer xixi. E também não se envergonha quando as mulheres se agacham para afagar sua orelha, ganhando lambidas calorosas de volta. *É um safado.*

— *Auau,* titio! — ouço a voz infantil e eufórica soando próxima, me viro procurando de onde vem o som. — Oi, *auau!*

Não sei como ou porquê, mas quando olho bem para a garotinha que está próxima a mim, é como se o tempo estivesse parado, e eu só conseguisse manter meus olhos nela, e em seus cabelos encaracolados e seu rostinho rechonchudo que mais parece uma boneca de tão bonita.

Sou apaixonada por crianças.

Sua pele negra está coberta por um vestido rosa florido, e seus cabelos, presos em duas Marias-Chiquinhas que só a deixam mais fofa do que já é.

A menina se aproxima de nós correndo, o que resulta em um tropeço. Me assusto na mesma hora, e caminho em sua direção, pronta para levantá-la, mas ela não parece se machucar quando cai de bunda no chão, já que solta um grito divertido, quando Zion corre ao seu redor e para bem em cima dela, lambendo seu rosto e latindo animado enquanto balança o rabinho quase inexistente, como se estivesse chamando-a para brincar.

Esse é seu ponto fraco: crianças. Zion as adora. Mas é um cachorro de porte grande e mal visto pela sociedade, que resolveu decidir que essa raça é perigosa*,* então sempre tento mantê-lo longe dos pequenos.

Quando ele late novamente e abana o rabo, com a língua pra fora, se aproximando da menina para mais uma de suas lambidas, um homem enorme aparece.

Quando digo *enorme*, quero realmente dar ênfase nessa palavra. Ele parece uma geladeira de duas portas de tão grande e bonito que é.

O que fica amostra de seu corpo, dá para ver que é todo tatuado. Seus braços quase não mostram a pele branca e bronzeada do grandalhão. Ele tem toda uma pose de bad boy, com piercing no nariz e alargadores nas orelhas. Meu tipo de homem literário — na vida real, costumo correr desses, geralmente cheiram a problema.

Opa, mas espera, tem algo de errado nisso aí.

O cara está vindo na minha direção, mais especificamente na direção da garotinha e a expressão em seu rosto não está nada contente. Merda.

— Vem, Maria — ele chama a menina que segura sua mão, rindo e tentando tocar o focinho do pitbull marrom. — O que estava fazendo com esse cachorro? Já não falei pra tomar cuidado com os animais da rua?

Bem que eu desconfiei.

Estava esperando por um príncipe e recebi o cavalo dele.

Me sinto uma grande palhaça agora.

— Ele não é de rua — interrompo, desgostosa. — É meu.

O homem perde a postura momentaneamente, e finalmente me encara nos olhos. Olha para meu corpo, me medindo de cima para baixo. Depois faz o mesmo com Zion, encarando sua orelha, que ainda está enfaixado se recuperando da cirurgia.

Meu irmão o encontrou no lixão. Seu antigo dono tentou cortar suas orelhas, o que resultou em uma infecção terrível, da qual ainda estamos cuidando. Gael o levou a uma veterinária amiga dele, que o internou e realizou uma cirurgia para retirar o pedaço que restou da orelha, há duas semanas.

Perdi as contas de quantas vezes chorei de raiva e ódio de quem fez isso com o meu bichinho. Não deveriam submeter animais a esse sofrimento apenas pela estética.

Com dificuldades, por conta do seu peso, o carrego e beijo sua cabeça. Infelizmente, nem todas as pessoas são capazes de amar os animais, o que, pelo visto, é o caso do brutamontes que agora carrega a menininha fofa, que pelo que entendi, se chama Maria.

— Tchau, princesa — me despeço dela, que não para de encarar meu cachorro, com os olhos brilhantes. — O Zion tá cansado.

— Tchau, moça — ela acena. — Tchau, *auau.*

— Desculpa, moça — o grandalhão começa. — Eu não queria…

Chateada, dou as costas e sigo o caminho para casa. Mais devagar do que gostaria, devido ao peso do meu sobrinho, mas levando nossa dignidade junto.

Filho de uma…



— *Oi, titia.*

Cabelos loiros, olhos azuis e sorriso banguela. É assim que Arthur, meu sobrinho, me cumprimenta ao atender o celular da mãe. Minha melhor amiga e confidente.

— Oi, meu amor — cumprimento, com um sorriso enorme. — Cadê a sua mamãe?

— *Dando banho na Dani* — meu príncipe responde. — *Tô com saudades.*

— Eu também, amorzinho — respondo, com o coração pequenininho. — A tia vai buscar vocês em breve, tá bom?

— *Tá* — Arthur sorri. — *Eu posso ficar com o seu cachorro?*

— Só se prometer dar muitos beijos na titia.

— *Pode ser* — concorda, meio contrariado. — *Mas só três.*

— Quero cinco.

— *Vou dar quatro.*

Sorrio abobalhada pela cena. Quem diria que eu estaria negociando beijos com uma criança de seis anos?

— Tudo bem, espertinho — digo, me dando por vencida. — Agora vai ver se sua mãe está livre.

— *MANHÊ!* — o moleque abre o berreiro. — *A tia Tainá quer falar com você.*

— Isso aí, pirralho. Grita mesmo.

— *Oi, amiga* — Liz aparece na tela, com uma aparência cansada. — *Como vai por aí?*

— Que cara é essa? Parece que acabou de ser atropelada — ignoro sua pergunta.

— *Quase. A Dani voltou a ter aquelas crises e o Arthur não conseguiu dormir essa noite. Tô há mais de trinta horas acordada.*

— Vou mandar mensagem para a Su. Você precisa de ajuda com as crianças.

— *Não* — rebate, sem pensar duas vezes. — *Já chega, Tainá. Parece até que não sou capaz de fazer isso.*

Lizandra não é uma pessoa orgulhosa. Muito pelo contrário. Se fosse, não teria batido na minha porta naquela madrugada de setembro, às vésperas da minha viagem e implorado por ajuda.

Ela tem muitos defeitos, como todo ser humano normal, mas orgulho, definitivamente, não está nesse pacote. Achar que aproveitar mais a vida, a torna uma mãe ruim, sim. É isso que acontece todas as vezes que menciono a babá; ela briga comigo.

— Sabe que não foi o que eu quis dizer. Você precisa descansar.

— *Preciso procurar um emprego.*

— Precisa aproveitar mais.

— *Preciso parar de deixar você tomar conta da minha vida.*

Fico calada, porque ela tem razão. Liz suspira do outro lado, vejo quando senta na cama e divide a atenção entre o celular e as crianças.

— Não é a minha intenção impor nada para você. Desculpa se, em algum momento passei dos limites. Só quero o melhor para você e as crianças.

— *Eu sei, Tai. Eu entendo, de verdade. Só que… já pensou no quanto é ruim pra mim depender de outra pessoa pra sobreviver? Já moro no seu apartamento, não quero ser mais um estorvo pra você.*

— Mas…

— *Você nem me conhecia quando resolveu que era uma boa ideia me trazer com você para a Itália. Tainá, você nem mesmo perguntou quais eram as minhas intenções quando apareci na porta da sua casa.*

Suspiro. Esse é um assunto delicado, que eu detesto reviver, mas que faria tudo de novo se fosse necessário.

— Fiz o que tinha que fazer — dou de ombros, me sentindo cansada com o assunto. — Vocês três são as únicas coisas que tenho.

— *Deveria procurar pelo Vicente.*

Ela diz baixo, como se tocar nesse nome, mágicamente, o invocasse.

Não deixa de ser verdade.

A simples menção do nome me leva diretamente para o par de olhos castanhos que me olhavam como se eu fosse o centro do mundo. E, automaticamente, o peito se aperta.

— E dizer o quê? *Estou de volta e nunca te esqueci, vamos voltar?* — suspiro. — Não é assim que funciona. Eu machuquei o João.

— *Mas você precisa se dar uma chance. Não dá pra viver tentando controlar as merdas que seu irmão faz o tempo todo.*

Eu *sei* que ela está certa. Tenho total noção de todas as coisas que perdi em prol do bem estar do meu irmão. Mas, para mim, ouvir da boca de outros sobre toda essa situação, é inadmissível.

Talvez, porque assim, parece doer mais.

— O Gael não é…

— *Pauta para conversas, eu sei* — completa. — *Mas se não eu, ninguém vai dizer que o Gael tá acabando contigo, Tainá. Qual foi a última vez que você fez alguma coisa por você mesma?*

Quando conheci o João.

— *Viu só?* — questiona, porque já sabe minha resposta. — *Precisa procurar ele. Deixa o seu irmão de lado só um pouco e…*

— Para de falar assim dele — peço. — Por favor. Gael não é um monstro.

— *Você sabe que é* — é dura nas palavras. — *No fundo, sabe que ele só te usa e que não te ama como você ama ele.*

— Ele também não te amava.

E desligo.

Porque não gosto de ouvir verdades.

Porque não gosto que falem do meu irmão.

Porque só sei me defender, machucando de volta.

E das piores maneiras possíveis.



Aos 19 anos

— Gael — grito do portão. — Gael!

— Fala, carrapato — ele aparece na varanda do primeiro andar sem camisa e com os cabelos despenteados. — Não sabe abrir não?

— Abriria se seu segurança me deixasse entrar.

Meu irmão me encara, tentando descobrir se estou mesmo falando a verdade.

— Borges, qual o seu problema?

— O senhor Manoel…

Vejo quando ele respira fundo, sabendo do que se trata.

— O senhor Manoel*, manda na casa dele. Abre a porra desse portão agora.*

— Senhor, eu não posso…

— Se eu descer, você não vai gostar. E não ligo se trabalha a mais de vinte anos para a minha família, meu pai não tem nada haver com a minha irmã.

Minha irmã*.*

Lembro de ter achado lindo naquela época. Até me emocionei por ter me defendido e se referido a mim de forma carinhosa.

Mas não é assim que funciona, e isso eu aprendi cedo.

Gael não deixava ninguém me tratar daquele jeito, porque só ele podia fazer isso*.*

Capítulo 2



eu nunca quis ver você indo embora
mas todo filme foda sempre tem um fim
me lembro da batalha, quinta-feira, nove horas
eu na multidão sempre sozin'
eles não entendem nossa solidão
somos de carne e aço
old school lá do pistão
nós bebe, comemora, mas por dentro 'tá tristão

A Bela E A Fera *– Xamã*

João Vicente

Eu nunca quis ser pai.

Mas se tem uma coisa que aprendi desde quando era moleque é que a vida nunca tem dó de arrancar o curativo de uma ferida recém aberta.

Passei a vida inteira abominando a ideia de gerar e ser uma figura presente para outra pessoa. E, de repente, cá estou eu, gastando meu suado dinheirinho com roupinhas fofas que daqui a dois dias já não caberão mais nela.

— Papai! — Maria Vitória grita, puxando minha roupa na direção que bem entende.

— Oi, meu amor — respondo, seguindo a madame. — O que foi?

Ela aponta para um urso de pelúcia enorme e… branco. Que vai sujar em menos de cinco minutos nas mãos dela.

— Quero! — decide, toda sorridente e com seu jeitinho fofo.

Uma moça passa por nós e sorri para mim, dando uma piscadela nada discreta. Fico momentaneamente sem graça. Por mais que seja algo recorrente, ainda não me acostumei com a quantidade absurda de flertes que recebo apenas por estar com a minha filha.

Pais de menina chamam a atenção da mulherada.

Às vezes, chega a ser constrangedor. Tipo, estou com uma criança no colo, tentando fazê-la parar de chorar, não posso conversar com você sobre sua casa em um condomínio fechado — que seria ideal para criar nossos oito filhos — ao mesmo tempo.

Pois é. Isso aconteceu comigo. A moça era até bonita. Branca, de olhos claros e cabelos enormes. Tinha um papo bom, além de parecer ser calma e gostar de crianças. Mas não é *esse* o meu tipo de mulher, mesmo que eu tente negar.

Gosto de mulher bruta, que não sabe aceitar carinho. Que grita por qualquer coisa e se irrita se alguém além dela ri das minhas piadas ruins. Gosto de mulher que come igual a um caminhoneiro e que não tem vergonha de peidar na minha frente, de mulher que não está nem aí para as estrias que marcam a bunda enorme ou a unha que quebrou enquanto lavava os pratos.

Gosto de mulheres altas, de olhos escuros e com cheiro de problema. Que odeie que eu puxe seus cabelos, que use minhas camisetas sem pedir permissão e me obrigue a entregar a cópia da chave da minha casa.

Resumindo; gosto de ser capacho de mulher bonita.

Isso foi muito específico, João Vicente. Para de pensar em quem não te quis.

— João, olha que lindo — Estrelinha aparece, segurando duas roupinhas do Stitch. — Vou levar para as crianças.

— Dinda — meu bebê chama a atenção para si. Ela aponta para o urso e sorri, sabendo que a madrinha não nega nada do que pede. — Quero!

— Que lindo, meu amor — ela faz uma voz de bebê. — O papai vai comprar pra você. Né, João?

— Onde eu vou enfiar isso? — pergunto quase desesperado, olhando para o urso que tem duas vezes o tamanho da minha pequena.

— Qualquer coisa é só deixar na casa do padrinho.

— Ele não vai gostar disso.

— Até parece que ele vai perder a oportunidade de manter as crianças com eles por mais tempo.

— Verdade — me dou por vencido, ganhando um sorriso enorme da minha princesa em troca. — Mas eu quero um beijo.

Maria Vitória corre até mim, pedindo colo. Quando a carrego, não perde tempo em beijar minha bochecha. Beijo a sua de volta, ouvindo seu riso fofo de bebê quando minha barba faz cosquinhas em seu pescoço.

— Que lindos — Malu elogia, abaixando o celular que acabou de capturar uma foto nossa. — Nunca imaginei você sendo pai.

— Acredite, nem eu.

— Vamos embora logo, fiquei com saudades do meu neném.

— Eu costumava ser o seu neném — dramatizo, caminhando junto com ela até o caixa da loja enquanto carrego Mavi e seu novo amigo.

Estrelinha ri e balança a cabeça, dizendo que eu não tenho jeito.

A atendente sorri para mim e mordo os lábios, tentando prender o riso quando Malu passa na minha frente e retribui com um sorrisinho sarcástico e a sobrancelha levantada.

Eu tento ser delicado, mas a Estrelinha não conhece o significado dessa palavra. A moça fica sem graça e abaixa a cabeça, finalizando a nossa compra.

Malu não costumava ser ranzinza. Mas depois de se tornar mãe, seus níveis de estresse aumentaram e ela já não se lembra

mais como é ser simpática com as pessoas. Nem o Léo consegue escapar do seu mau humor na maioria das vezes.

Olho para ela e sorrio, lembrando que se não fosse a ideia que Anna e eu tivemos há três anos atrás, nada disso estaria acontecendo. Léo não teria tomado atitude de se declarar, nós não teríamos o Gabriel e os dois continuariam amigos.

E cá entre nós; aguentar o Leonardo na *friendzone* por mais tempo seria um martírio.

Estrelinha não é baixinha perto de mim, somos quase da mesma altura. Seu rosto, é cheio de pintinhas fofas e os olhos verde-esmeraldas que conseguem conquistar a todos tamanha calmaria que transmite, estão cansados.

Todos nós estamos, afinal. Chegamos a fase mais chata e ao mesmo tempo gratificante da vida adulta; aquela em que somos responsáveis por mini pessoas barulhentas.

Faz mais de dois anos que nosso andar não conhece a palavra silêncio. O Anjo e a Maria são a dupla perfeita, quase uma cópia de Gabriel e Bruno. Eles não conseguem ficar quietos por mais de meia hora sem que uma tragédia aconteça. Ah, e já tentou deixá-los separados por mais de um dia? Não queira pagar para ver! Eles armam o maior escândalo, e até o rosto bonito, aquele que puxou ao meu, Maria vira para mim.

Termino de pagar e saímos da loja. Era pra ter comprado só um vestidinho verde que me apaixonei quando passamos em frente a loja de bebês, mas acabamos comprando mais outras coisas que não vamos usar tão cedo. *E olha que antes nós reclamamos do padrinho.*

Luna vai ficar uma fera quando ver que compramos até fantasia combinando para a Mavi e pro Gabriel. Ela odeia quando

fazemos isso sem sua presença.

— A educação mandou lembranças, Maluca.

Ela ri e pede para que eu segure sua bolsa “rapidinho” quando passamos pelo banheiro, dizendo que não aguentará chegar em casa para fazer xixi, então Mavi e eu a esperamos do lado de fora.

Algumas pessoas aleatórias passam por mim e acenam ou sorriem para a bebê e eu me sinto aliviado por, pelo menos dessa vez, ninguém tentar tocá-la.

Me sinto muito incomodado quando algum desconhecido faz isso. Minha mãe diz que sou muito protetor, mas não é *só* isso. Não sei onde essa pessoa tocou antes de encostar na minha filha e não temos intimidade o suficiente para isso.

Mais desconfortante que isso, só ouvir “onde está a mamãe?” e seus derivados. É um comentário pior que o outro. Fico chateado ao ouvir algo do tipo. É como se eu estivesse fazendo um favor ao cuidar da *minha* filha.

— Pai — meu amor chama, impaciente. — *Quer* comer[3].

Olho para minha bebê. Tão perfeita. Tão minha.

— Oi, amor — beijo sua bochecha rechonchuda. — Vamos esperar a madrinha, tá bem?

Maria Vitória sorri mostrando os dentinhos já crescidos para mim antes de deitar em meu ombro como se estivesse cansada. Em quatro meses ela fará três anos e eu acho que o tempo não deveria passar tão rápido. Não estou preparado para ver minha neném crescer.

Ela é linda — até porque parece comigo. O cabelinho cacheado já está começando a crescer, a pele negra é um pouco mais clara que a minha e os olhos, a única coisa que puxou da genitora, são verdes escuros e parecem ver o fundo da minha alma.

Acho que nunca vou saber descrever com simples palavras tudo que sinto por por ela.

Antes não entendia bem porque meu padrinho ainda continuava nos tolerando depois de todas as merdas que aprontamos na adolescência — não que agora, na vida adulta, sejamos santos — mas agora, consigo compreender.

Compreendo todas as vezes que renunciou de algo para si em prol de um de nós. De quando ficava acordado a noite toda quando uma das meninas estava com cólica. De todas as vezes que perdeu uma reunião importante para conseguir acompanhar a final de algum campeonato escolar — mesmo sabendo que Léo e eu temos dois pés esquerdos e, definitivamente, não somos bons nos gramados.

Compreendo todas essas coisas, porque, agora, sei que seria capaz de fazer o mesmo por uma menininha que nem sequer sabe falar direito.

A única coisa que não consigo entender até hoje é porque o padrinho nunca infartou com uma das nossas aventuras. E, bem, espero que continue assim para sempre, porque acho que Luna está só esperando uma oportunidade para aprontar uma das grandes.

Esse é o avô que minha filha merece. Não aquele idiota que só pensa no próprio nariz.

Toda vez que lembro do cheque milionário que está guardado em minha gaveta, meu peito se aperta.

Nem todas as mulheres nasceram para ser mães, e Amanda é uma delas. A pior parte é que não consigo julgá-la, não por isso, pelo menos.

Estávamos separados há alguns meses, e parecia ser definitivo. Mas isso não era motivo para me esconder algo tão sério. Uma criança não é um brinquedo.

Amanda estava grávida de sete meses quando entrou em trabalho de parto e eu recebi uma ligação desesperada de sua mãe, me pedindo para ir ao hospital urgentemente.

De início, achei que fosse mais uma das chantagens de Amanda para reatarmos, mas quando cheguei lá e Renata Campos, sua mãe, correu até mim e contou o que estava acontecendo, me perguntei como não percebi a pessoa egoísta que Amanda era antes.

Em algum momento do nosso conturbado relacionamento, eu realmente me apaixonei por ela. Não vou ser hipócrita e negar isso, éramos bons juntos, muito bons. E isso durou até seu pai nos descobrir.

Para Roger Campos eu não passava de um interesseiro idiota. E era incrível a forma como ele conseguia controlar a vida da filha. Chegava a ser assustador. O que me leva a acreditar que Amanda não é a única vilã dessa história.

Renata me levou a uma sala cheia de bebês minúsculos. Lembro de olhar para todos eles sem entender o que estava acontecendo, até que apontou para um pingo de gente no canto da sala, coberta por um lençol amarelo.

Quando reparei nos seus movimentos, tudo ficou em segundo plano. Não ouvi mais nada. Apenas cheguei mais perto do vidro e

sorri para aquela, que a partir dali, se tornou meu mundo.

Naquele instante, eu simplesmente soube que nada era mais importante que a minha princesinha.

— Pronto — Malu interrompe meus pensamentos, pegando sua bolsa dos meus ombros. Seguro sua mão e seguimos em direção a saída do *shopping.*

Qualquer um que nos visse assim, de mãos dadas e com um bebê nos braços, imaginaria que somos um casal. Mas eu, diferente do meu ex-colega de quarto, nunca vi Estrelinha dessa forma.

— Meus pés estão doendo — ela choraminga, enquanto me ajuda a colocar Mavi na cadeirinha, com seu novo urso sentado ao seu lado.

— Eu falei que não precisava de ajuda — resmungo. — Mas você é teimosa.

— Não precisava de ajuda uma ova! — chia, indignada. — Se deixar você sozinho é capaz de comprar apenas besteiras para a Vi.

— E não foi o que fizemos hoje? — alfineto quando me ajeito no banco do motorista e confiro mais uma vez se Mavi está segura e se o cinto de Malu está preso.

— Mas também compramos outras roupinhas — se defende. — E um urso.

— Tudo bem, Estrela — concordo, me dando por vencido. — E o Léo?

— Me irritando — revira os olhos e eu rio enquanto dirijo. — Acredita que ele…

Na próxima meia hora seguinte, ouço seu monólogo enquanto ela reclama sobre seu marido. Me amaldiçoando, pela milésima vez, por invejar ter alguém pra dividir as tristezas e alegrias do dia a dia.



— Bate no peito, grita bem alto, abre o sorriso, canta e diz; eu mereço ser feliz, eu mereço ser feliz.

Depois de passar no apê da frente para dar um beijinho no anjo, alimentei Maria e arrumei nossas coisas enquanto ela corria ao meu redor, se divertindo sozinha.

Balanço-a de um lado para o outro, cantando baixinho para niná-la. Seus olhos estão pesados e ainda sim ela sorri quando chego no refrão da nossa música favorita.

— A gente pode ser feliz só nós dois, né, princesa? — beijo seu cabelo, com cheiro de bebê e ela ri, como se estivesse concordando. — Papai te ama e sempre vai cuidar de você.

— *Amor,* papai.

Meu coração se enche daquilo; *amor*.

Mas é só quando deito a cabeça no travesseiro, que meus pensamentos viajam para um caminho perigoso, um que quero esquecer há muito tempo.

Um passado bonito, admito. Mas que também é muito doloroso.

Um passado de sorriso encantador, que tinha o poder de me levar ao céu e ao inferno em um piscar de olhos.



Aos 20 anos

— Não quero que espere por mim — despeja, sem ao menos me cumprimentar.

— Entra — suspiro e dou espaço para que passe por mim.

Ela o faz depois de tirar os sapatos e deixar para o lado de fora do apê e não se digna a olhar para mim quando caminha até a varanda e se apoia no peitoril.

— Ontem você disse que esperaria por mim. Pelo meu tempo. Não quero que faça isso.

— Por quê? — questiono, confuso.

Ela tomou a decisão de ir à filial da empresa de sua família, na Itália, para gerir uma crise milionária e tentar consertar a merda que Gael fez. Mais uma.

— Vou embora — fala como se eu não soubesse. — Amanhã, a essa hora, estarei em um avião. Não sei quando… — Tainá suspira e se corrige; — Se *volto.*

— Amor… — começo.

— Não quero que espere por mim — repete, mais para si mesma do que para mim, me interrompendo. — Não pode fazer isso.

— Eu fiz uma promessa. Eu vou cumprir.

— Não pode fazer isso — murmura, sôfrega. Tenho vontade de abraçá-la mas me contenho, sabendo que provavelmente me daria um soco. — Não quando tem a chance de viver sem mim.

— Não quero viver sem você. Não posso *fazer isso.*

— Você não entende, tudo que eu faço machuca as pessoas ao meu…

— Precisa parar de fazer isso — interrompo seu discurso já ensaiado. — Você não é culpada por nada de ruim que aconteceu a você ou a seu irmão.

— Sou sim. Se mamma *não tivesse me escolhido, Gael não me odiaria e seu pai não lhe faria tanto mal.*

— Para com isso. Seu irmão é um lunático do ca…

— Não se atreva! — me interrompe, começando a ficar vermelha. Seu irmão é uma pedra em seu caminho, mas ela não dá o braço a torcer. — Deixa o Gael longe disso.

— Amor, me escuta… — peço, em um tom baixo, segurando seus braços. Quase implorando. — Se não quer que eu te espere,

então me deixe ir com você.

— Lindo… não é assim que funciona — insiste, desviando os olhos dos meus.

O apelido carinhoso, costumava trazer um arrepio gostoso à minha pele. Mas agora queima. Como se eu estivesse coberto de gasolina, Tainá é o fogo. Um do tipo que arde e flameja lentamente.

— Não te esperar. Não ir com você. Está indo para cuidar dos negócios ou só quer acabar conosco e ter uma desculpa para isso?

— Vicente, não é isso… — ela suspira. — Você tem seus amigos aqui. Sua família. Não pode ir assim, sem mais nem menos.

— Como quiser — digo. — Feche a porta quando sair e deixe a chave que te dei debaixo do carpete.

Cansado, desisto.

De lutar por nós dois.

De convencê-la de que não é a vilã de sua própria história.

— Lindo…— volta a me chamar. Sua voz tem tanto carinho que me quebra ainda mais por dentro, mas não me deixa opção se não olhá-la. — Eu te amo. Mesmo que você não acredite nisso agora.

Ela me beija. Com força. Mas ao mesmo tempo, é leve. Tem gosto de saudade e ela nem me deu as costas ainda.

— Eu amo você — repete. — É uma promessa.

— Não esqueça de deixar as chaves — minha voz assusta até mesmo a mim.

É fria. Vazia. Do mesmo jeito que me sinto por dentro.

Então, eu lhe dou as costas. Antes que ela o faça. Isso eu não suportaria.

Tainá estava errada.

Sua presença não machucava.

Sua ausência sim.

Capítulo 3



eu já tentei te esquecer
eu já tentei me conformar
em outro alguém já procurei
e desisti de te encontrar
só por você me apaixonei
só em teus braços quis morar
eu não sei onde foi que eu errei…

Já Tentei *– Vou Pro Sereno, Ludmilla*

Tainá

A primeira coisa que noto quando coloco os pés no andar presidencial da Interestelar[4], é que nada parece igual, embora o clima ameno e confortável não tenha mudado.

Uma parede enorme do lado direito é repleta de quadros e prateleiras com prêmios e menções honrosas. Fotos de Enrico e do

resto da equipe também estão espalhadas pelo ambiente.

Ao invés de uma, agora há cinco secretárias, uma em cada porta. A segurança da entrada foi reforçada e a educação dos funcionários… por Deus, parece que estão na Disney.

— Posso ajudar em algo, senhorita? — a mais velha me encara, educada.

— Sou Tainá Brandão. Tenho uma reunião com o senhor Enrico.

Em tese, poderia estar em qualquer outro lugar no mundo, curtindo o dinheiro que ganho pela participação da *BH*[5], mas todos sabem que não consigo ficar sem trabalhar. E, além do mais, fiquei curiosa demais pela proposta que recebi dessa empresa para o segundo livro de um autor de romances que tem feito sucesso entre os homens. *Pois é. Você não leu errado.*

— Claro, querida. Sente-se aqui, a mulher do patrão está na sala, mas já irei anunciar sua chegada. Aceita algo para beber?

Opa… mulher do patrão?

O ambiente da empresa não foi a única coisa que mudou por aqui, percebo.

— Não, obrigada pela gentileza, senhora…

— Raabe — completa, com um sorriso simpático.

— Raabe — repito. — Obrigada.

Ela sorri e se dirige ao telefone em sua mesa, clicando em um número e anunciando minha presença.

— Não, senhor. O menino ainda não chegou — sua voz me chama atenção. — Quer que eu o ligue? Pode estar na ala das crianças, ele sempre demora para deixar a menina em paz — Enrico diz algo e ela ri. — Dê um desconto, João ainda não entendeu que a filha vai crescer um dia.

Engasgo, arregalando os olhos. É o João que estou pensando? O *meu* João?

— Não é bem assim — a voz grossa chama nossa atenção. — Não apresse meu bebê. Ela vai demorar muito para crescer.

Engulo em seco. *Ele mesmo.*

Vicente aparece diante da porta das escadas, vestindo um terno de três peças. Não está muito diferente do que quando o vi pela última vez. Continua bonito e fazendo meu coração errar as batidas.

Seu cabelo continua com o mesmo corte baixo, sua barba está um pouco grande e seu rosto carrega um ar cansado, embora o sorriso esteja ali, como se tudo fosse um motivo para ser feliz.

É aí que percebo que ele nunca mudou. Sempre escondendo seu próprio problema atrás do sorriso que aquece meu peito e o faz bater a mil por hora.

Aquecia, Tainá, corrijo-me em pensamento. No passado.

— Ah, claro — Raabe concorda, se despedindo de Enrico ao telefone. — O que aconteceu dessa vez?

— Acredita que a sapequinha dormiu na cama dos gatos da Estrelinha hoje?

Meu peito se aperta mais uma vez. Será que essa é a mulher dele?

— Não me diga — a outra resmunga, fingindo não acreditar. — E o que você fez? Tirou fotos?

— Bem — ele sorri, coçando a nuca e olhando para a expressão inquisitória no rosto da senhora. — Sim.

— Com o seu celular? — ela pergunta, enquanto o outro assente ainda sem perceber minha presença. A senhora emburra com sua resposta, arrastando um aparelho por sua mesa. — O mesmo que você esqueceu em sua sala ontem? Que merda! Queria ver a bebê com os gatinhos.

— Não seja por isso — intervém. — Assim que o padrinho me liberar da reunião, eu pego a princes… o que você está fazendo aqui?

Suas palavras surpresas são dirigidas a mim, deixando Raabe confusa. Respiro fundo, me mexendo desconfortavelmente e o encaro, procurando em seu rosto algum traço do homem que um dia foi meu.

Não tem raiva nos olhos dele. Nem julgamento.

— Sou a nova gestora de marketing da empresa.

— Co-como assim? — sua voz vacila. Mas logo volta a soar firme. — Quem te contratou?

— João — a voz chamativa e doce me atrai para a sala presidencial. — Podemos conversar?

Ele engole em seco.

A mulher, que a julgar pelo modo com que se porta ao lado de Enrico, é sua esposa, é alta. É muito bonita. Ela não deve passar dos quarenta e poucos, seu cabelo é castanho e seus olhos passam uma sensação de conforto inexplicável.

— Vou me ocupar, Heleninha.

— Tudo bem — ela sorri, sabendo que é uma mentira descarada. — Não vou demorar.

A mulher de cabelos castanhos beija os lábios de Enrico de forma casta, e ele a encara com uma devoção que faz meu estômago revirar. Alguém já me olhou assim um dia.

Alguém que, no momento, não parece gostar nada da minha presença.

— Padrinho — ele chama, quase desesperado, o mais velho ri e nega com a cabeça antes de abrir a porta e olhar para mim. Vicente parece ter medo da mulher à sua frente.

— Venha, querida — Enrico me convida para sua sala. — Entre.

Lanço um último olhar para trás, vendo Vicente ser arrastado para sua sala por uma mulher com metade da sua altura.



A reunião correu bem. Sou oficialmente a gerente de marketing da Editora Interestelar. E devo dizer que o primeiro lançamento que serei responsável me surpreende bastante.

Em alguns meses, o nome de Leonardo D'Ávilla estará estampando nas estantes do país com seu romance de estreia; "*Todas As Estrelas Do Seu Corpo"*. O livro já foi lançado em e-book e agora ganhará sua versão física.

Pelo que entendi, é um *Friends To Lovers*[6], e Ícaro, o mocinho, é apaixonado pela melhor amiga, Madalena, há quase dez anos. Os dois tiveram um histórico complicado no quesito amoroso e são inseguros quanto a isso.

Ícaro nunca teve coragem de admitir seus sentimentos, até o dia do casamento da Madalena, quando no mesmo instante em que o padre pergunta quem tem algo contra o casamento falasse naquele momento ou se calasse para sempre.

Só tive acesso ao prólogo por enquanto, então estou torcendo para que ele se declare e os dois fujam daquele lugar.

Devo dizer que o talento dele é gritante, envolvente e doloroso. Faz com que você sinta o mesmo que os personagens, tamanha dor e sentimento consegue ser transmitido através de simples palavras.

Seu pai me garantiu que apenas os melhores profissionais estariam à frente da ascensão dele. E me senti honrada em ser uma dessas pessoas, apesar de ter pouca experiência na área editorial.

Estou bastante surpresa por descobrir que Leonardo escreve. Quer dizer, que ele é romântico, eu já sabia. Não é todo dia que se vê alguém apaixonado pela melhor amiga há mais de uma década e nunca falou sobre com a mesma.

Se bem que, a dúvida é: como ela não percebeu?

Isso me faz pensar que já não tenho contato com ninguém do grupinho deles, então não vou saber tão cedo sobre o desfecho dessa história. Uma pena. O bonitão merecia uma chance de ser feliz.

Okay, ele deve me odiar a essa altura. Mas não custa dar uma fuçada nas redes sociais, né?

Abro o Instagram e digito seu nome. Me frustro logo em seguida, porque é privado, mas clico na pessoa marcada em sua biografia, me surpreendendo bastante com o que encontro.

Sim, Leonardo conseguiu conquistar a melhor amiga. E ao que parece, casaram e já tiveram um filho. *Esse povo é bem rápido.*

Rolo o *feed* algumas vezes, até achar uma foto onde estão presentes todos do grupinho. Me pego sorrindo sozinha com a espontaneidade da foto.

Vicente está segurando uma menina, sua filha, acredito. Assim como Leonardo segura o pequeno. Um homem enorme, que tenho a sensação de já ter visto antes, tenta abraçar Luna, que não parece nem um pouco feliz em parecer uma tampa ao lado dele. Anna e Malu são as únicas que estão olhando para a câmera, enquanto Enrico e a mulher, que agora descobri ser sua esposa, trocam um olhar apaixonado.

Eles são uma família.

Meu sorriso murcha. Queria ter uma também.

Capítulo 4



será
que ela ainda está pensando em mim?
aquela música me faz lembrar
do tempo em que ela ainda estava aqui
tava aqui

Te Amar Demais – *Sodré*

João Vicente

Você mudou o nome do grupo de "**anjinho cagão**" para "**PADRINHO, VOCÊ ME PAGA**".

Eu: PADRINHO!

Helena: Lá vem.

Eu: Nem vem. Sua traíra! Sabia de tudo e nem me contou.

Malu: ?????

Enrico: Tempestade em copo d'água, João.

Eu: COMO É?

Anna: Dá pra alguém explicar?

Helena: Aparentemente, a moça bonita que vai ocupar a sala do Léo, é a mocinha do JV.

Eu: Ela não é nada minha!!!

Helena: Não foi o que pareceu pelo jeito que você tratou ela.

Eu: Quem te colocou nesse grupo, hein?

Enrico: Você.

Malu: MENTIRA!!!

Anna: A Tainá não estava na Itália?

Malu: Quem é essa, gente?

Bruno: Tô entrando em cirurgia, alguém faz um resumo depois?

Malu: Te conto tudo depois se me trouxer sushi.

Bruno: Feito!

Anna: João, explica direito.

Eu: Não tem o que explicar, né?

Eu: Cheguei lá e ela estava sentada esperando o bonito pra assinar o contrato.

Helena: Quanto bom gosto, hein, JV? Ela é muito bonita.

E eu não sei disso?!

Enrico: Se visse o currículo dela, não estaria fazendo esse drama.

Helena: Eu fiquei impressionada. Como alguém de 26 anos consegue tantas recomendações e diplomas?

Malu: POSSO CONHECER ELA?

Eu: Não.

Enrico: Quer passar um dia comigo, princesa? Eu apresento vocês.

Malu: QUERO!

Luna: EU TAMBÉM!

Eu: Odeio vocês.

Deixo o celular de lado e coloco as mãos na cabeça. Minha família nunca mais vai me deixar em paz com esse assunto.

Léo: Não esquece do que eu pedi, Vicente.

Mais essa.

Respiro fundo, tentando não fazer um papel de idiota nos próximos minutos enquanto caminho até a porta ao lado e dou duas

batidas, não tendo resposta alguma de volta.

Abro uma fresta e percebo que ela ainda não chegou. Melhor assim. Antes mesmo de raciocinar se é ou não uma boa ideia, entro na sala a procura da tal caixa que o Léo esqueceu.

Olho ao redor, notando que está tudo diferente agora. Mais impessoal. Mais a cara dela.

Sinto uma pontada no peito por não ter mais meu irmão a uma porta de distância o dia todo. Mesmo que a gente more no mesmo andar, eu gosto de estar sempre perto dos meus amigos. É algo que já me acostumei a ter. Atenção e cuidado.

Estou me preparando para sair, com a caixa na mão, quando a porta se abre. Meu corpo entra em chamas e eu paraliso sem nem mesmo precisar olhar para trás.

— Vicente?

Me sinto como uma criança pega no flagra quando me viro em sua direção, o que é uma péssima ideia, porque ela está linda. Como sempre.

Seus cabelos escuros estão soltos e caem em cascata pelas costas, só agora percebo que estão enormes, como ela sempre gostou. Seus olhos estão inexpressivos, de uma forma que não consigo entender no que está pensando, enquanto sua respiração parece acelerar.

Será também consegue sentir o ar ao nosso redor mudar todas as vezes que nos encontramos?

Essa coisa entre nós parece que nunca vai mudar. Como se o mundo inteiro parasse para nos assistir. Como se *eu* parasse o mundo inteiro para assisti-la.

Esqueço a raiva por ter ido embora, o medo de tê-la por perto nesse momento e a frustração por aquilo que não fomos.

Esqueço meu nome e o que vim fazer aqui. Esqueço meu surto de ontem, quando não acreditei no que meus olhos viam e em como não consegui pregar os olhos a noite toda ao saber que agora trabalhamos a uma parede de distância. E a única coisa que ecoa em minha mente é a voz de Helena.

Vale a pena ficar ressentido por algo que não foi escolha de vocês?

Assim que meu padrinho levou Tainá para dentro, sua mulher me arrastou para minha sala e me fez contar com riqueza de detalhes toda a história com a “minha mocinha”.

Depois ela fez essa pergunta. E eu não consigo deixar de pensar nela desde então.

Nunca culpei a Tainá, se quer saber. Mas ainda me sinto meio merda por tudo que aconteceu. *Como* aconteceu.

Eu poderia ter ido atrás dela. Ou dele. Poderia ter socado a cara de Gael como sempre quis. Mas ao invés disso, escolhi meu orgulho. Meu ego ferido.

Às vezes, me pergunto como não fui capaz de retribuir aquele *eu te amo.*

Mas, agora, a única coisa que consigo focar são em seus lábios recitando meu nome. É como se eu estivesse sendo traído pelo meu próprio corpo, que me chama cada vez mais para perto dela.

Me sinto culpado pelo jeito que a tratei ontem. Digamos que meu padrinho não tenha me comunicado e eu tenha sido pego de surpresa. O que me leva a acreditar que talvez ele tenha armado algum tipo de plano mirabolante e que, com certeza, tinha o dedo do Léo.

Talvez isso seja coisa da minha cabeça, provavelmente estou lendo livros demais e isso está afetando um pouco a minha realidade. E a realidade é que não posso ter quem eu quero. Que, novamente, caso não tenha ficado claro, é a mulher à minha frente.

Eu nem sabia que a Tainá tinha continuado no marketing. Achei que assumiria de uma vez a empresa da família, na Itália. Mas não digo que estou surpreso por não ter acontecido. O Gael só enxerga a Tainá para fazer o que ele não consegue e não percebe que ela sempre foi tão capaz quanto ele de estar à frente daquele lugar. Só não vê, quem não quer.

Vai dizer isso para a teimosa! É capaz de te jogar dessa janela se tocar no nome de seu irmão.

— Oi — respondo, sem saber direito o que fazer. — Desculpa ter entrado assim, sem você aqui. É que o Léo esqueceu uma caixa importante.

— Tudo bem… — ela diz, ainda parecendo confusa. — Só estou surpresa.

Mordo o lábio inferior e fico calado, sem saber o que fazer ou falar. Meu sistema deu pane.

Que merda, Vicente! Tinha que dar uma de idiota logo agora?

— Desculpa por ontem — começo. — Não devia ter te tratado daquele jeito.

— Eu entendo — ela desvia o olhar e meu peito aperta.

Isso significa que ainda continua a mesma, e que já está acostumada a ser tratada como inferior. E ninguém merece se sentir assim, mesmo que inconscientemente. Tainá é incrível, mas acho que não sabe disso. O que é uma pena, porque ela merece o mundo e mais um pouco dele.

— Não devia ter te tratado daquele jeito — torno a repetir, é o que mais quero que ela entenda. — Você não merece ser tratada assim. Desculpa, de verdade.

Tenho vontade de dizer que ela não merece ser tratada como menos que uma rainha, não merece as migalhas de amor do seu irmão.

Tenho vontade de dizer que ela é uma das mulheres mais fodas que já conheci, e que certamente é o tipo de influência que quero por perto da minha filha.

Tenho vontade de dizer que tem alguém que daria de tudo para fazê-la feliz e que, se ela quiser, esse *alguém* está bem na frente dela.

Quero dizer um milhão de coisas. Quero abraçá-la e sentir seu corpo quentinho contra o meu. Quero voltar no tempo e insistir para que me deixasse ir com ela. Quero dizer que seis anos longe, não foram o suficiente para tirá-la do meu peito e da minha cabeça.

Mas não digo. Porque as palavras não chegam a minha boca e porque, quando o assunto é ela, nunca sei qual passo dar.

— Tudo bem, João — a afirmação vem junto ao seu sorriso.

Meu corpo parece feito de gelatina e… *sobre o que eu estava falando mesmo?*

E eu preciso controlar para não pular como um louco nessa sala.

Tainá Brandão sorriu para mim. E foi lindo.

Capítulo 5



ah, ainda lembro de quando éramos um
hoje foi cada um pro seu lado
nem vou tentar me explicar
que no final vou tá sempre errado

Sorrisos *– L7NNON ft. Lourena*

Tainá

Eu odeio fazer compras de mercado, mas agora, com a mudança, precisei me restabelecer totalmente em um novo apartamento. E adivinha? A casa está vazia.

Se não fosse pelas caixas da mudança — que ainda não desfiz — o lugar estaria fazendo eco. Exagerada? Só um pouco.

Não me dei ao trabalho de me vestir “corretamente” e aqui estou, apenas de pijama, no mercado — felizmente — com poucas

pessoas.

Empurro o carrinho na sessão de laticínios, quando encontro duas pessoas conversando. Quer dizer, uma pessoa e meia.

Os reconheço de imediato, são os mesmos do parque.

Volto a atenção para o homem e encontro um par de olhos verde-escuro me encarando. Mas não, não são os dele. E sim da menina, uma bebê muito linda, que sorri desdentada para mim.

Maria. Acho que é assim que se chama.

— O que você acha, Vivi? — ele fala sozinho. — Será que alguém vai sentir nossa falta?

Não me contenho, solto um riso nasalado com o jeito em que os dois "conversam". Acabo chamando atenção dele, e me sinto envergonhada por ter interrompido esse momento.

— Oi.

Maria acena, como se me reconhecesse. Só então percebo o quanto estou próxima deles.

— Acho que ela gostou de você — ele diz, analisando a reação da bebê, que tenta se jogar para mim.

— Ela é muito linda — elogio, sem conseguir desviar o olhar dela. — É sua filha?

— É minha sobrinha — o cara responde e beija a bochecha da bebê. — Não é, bebezinha?

— É!

— Eu sou o Bruno e essa é a Maria Vitória — se apresentam. — Já que te encontrei, queria aproveitar para pedir desculpas pelo acidente da semana passada. É que… é complicado, não pensei muito na hora de dizer aquelas bobagens.

— Ah — arquejo. — Tudo bem. Eu também não estava em um bom dia.

Existem duas coisas que não sou boa em receber; pedidos de desculpas e elogios.

Entre ontem e hoje recebi dois pedidos de desculpas de dois grandes gostosos e estou me sentindo naquele meme "não reaja".

— Você mora por aqui? — puxa assunto.

— Sim, me mudei há pouco tempo.

— A gente deveria sair um dia desses — Bruno diz, como quem não quer nada. — Veja isso como um pedido de desculpas.

Adicione mais algo à lista; não sei reagir a convites para sair.

Sorrio.

— Claro — respondo. — Anota o meu número e nós acertamos.

Ele me entrega seu celular e eu entro em pânico. Não que o cara pareça algum tipo de maníaco, mas não o conheço. Não vou colocar meu número verdadeiro, até porque nem sei de cor.

Devolvo e Bruno encara meu nome completo com um quê de dúvida. Depois me encara e me lança um sorriso amarelo. *Será que sabe que não é de verdade?*

— Acho que te conheço de algum lugar.

— Tem certeza? — pergunto. — Eu me lembraria de você.

A bebê se agita e Bruno olha para o mesmo ponto que ela, parecendo perceber algo que eu não entendo.

— Eu, definitivamente, te conheço de algum lugar — ouço seu sussurro, o que me deixa ainda mais confusa.

— *Papai!*

Me viro, só então notando a presença de alguém. Alguém que faz meu corpo inteiro gelar.

— A Anna tá te procurando — Vicente diz, enfezado.

Os dois se encaram por algum tempo parecendo conversar por olhar, me deixando perdida, no meio deles.

— Tchau, Tainá — ele se despede, apressado, levando a bebê junto, que ri da pressa do tio.

Eu fico petrificada no lugar, tentando assimilar o que aconteceu. O dono da minha atenção também está me encarando, com uma cara nada boa, bem diferente do Vicente amigável de ontem.

Então assim, ficamos os dois parados no meio do mercado.

— "Papai"? — sussurro, surpresa, mesmo sabendo que em algum momento, eu teria que lidar com essa sensação. Mas ele ouve.

Tentei me enganar durante todos esses dias em que ouvi o boato sobre ele ser pai.

Ele seguiu a vida, afinal. Como eu pedi.

Mas então, porque não consigo ficar feliz por isso?

Ele arqueia as sobrancelhas. Como se estivesse perguntando o que eu esperava que acontecesse.

É uma pergunta que nem mesmo eu sei a resposta.

Eu vou te esperar.

É. Parece que ele também quebrou uma promessa.



Aos 19 anos

— Sabia que aquela constelação ali — ele aponta para o conjunto de estrelas que parecem se ligar — se chama Ursa Maior? É uma das maiores constelações que existem.

— Que legal — digo maravilhada, sem tirar os olhos do céu.

Vicente apoia a cabeça na mão e se vira de lado para mim. Faço o mesmo, ficando com o nariz rente ao seu.

— Quero fazer uma promessa. A Ursa Maior será nossa testemunha.

Rio da bobagem.

— Tá bom — beijo seu nariz.

— Nós dois vamos envelhecer juntinhos em Búzios.

Sorrio quando termina de dizer. Amo Búzios.

— Vamos casar em uma noite estrelada — promete, colocando uma mecha do meu cabelo para trás. — E você será a mãe de todos os meus filhos.

— Promete que vai me esperar.

— Pelo tempo que for necessário.

Vicente me beija.

Capítulo 6



tudo que é bom dura tão pouco
e nos dias ruins, o tempo não passa
sem você aqui a vida é tão sem graça

Não Vai Embora — *Dilsinho, Luísa Sonza, Malibu*

João Vicente

— Cara, eu não sabia que aquela era a sua garota — Bruno repete, bebendo o café que preparei *para mim*.

Mimado do caralho. Levantar para fazer, ele não levanta, mas o dos outros sabe beber.

O cara é enorme, tem quase duas vezes o meu tamanho, e não sabe fazer o próprio café.

Tenho pena dele, já que depois que as crianças chegaram, Anna passou a tomar posse do quarto de hóspedes do apê dele, e ela não costuma ser muito prestativa com as pessoas. Principalmente com ele.

A real é que, nem mesmo sei como ainda consegue conviver conosco, já que de todos nós, Anna é a que não alivia para o coitado em momento nenhum. A relação dos dois vem sendo bem complicada nesses dois anos desde que tudo mudou, o que vez ou outra, me preocupa.

Acho que tem algum detalhe do qual todos nós estamos sendo deixados de fora e meu *eu* fofoqueiro se coça de curiosidade.

— Ela não é minha garota.

Não mais, pelo menos.

— Então por que está tão chateado?

Fico quieto, ainda tentando arrumar o armário da cozinha.

Faz meia hora que ele está tentando explicar isso. A mesma quantidade de tempo que estou fingindo não notar sua presença.

Não sei explicar o que senti quando vi Bruno dando em cima da Tainá ontem à noite, no mercado. Senti raiva dos dois, mesmo que não tenha um motivo específico para isso.

E também, meio que me senti culpado quando ela percebeu que Mavi é minha filha. Lembrei de uma época distante, onde prometemos que teríamos um futuro juntos. Eu, ela e nossos filhos.

No fim das contas, ela não foi a única a quebrar promessas.

— Vicente, é sério.

— Hum-hum — murmuro.

— Eu não sabia que era a sua garota — repete, mais devagar, como se eu fosse algum tipo de idiota.

— Eu já entendi.

— Então pode parar de me tratar assim? — ralha, começando a perder a paciência. — Qual é, cara? Logo agora que estávamos nos acertando?

— Não estávamos nos acertando — pontuo, gesticulando. — E não somos amigos, acho bom lembrar disso.

Bruno bufa.

— Eu levei a Maria para o parquinho e ela acabou tropeçando enquanto brincava com o cachorro da Tai — *Tai?! E ele ainda diz que são desconhecidos!* — Fui grosseiro com ela. Quando a vi no mercado, só pensei em pedir desculpas pelo meu comportamento. Foi uma coincidência.

E foi logo pedindo pra se enfiar nas calças dela. Cretino.

— Não ligo.

— Então não vai se importar se eu chamá-la para sair? — debocha.

— Achei que os encontros de vocês tivessem sido uma coincidência — me deixo levar pela provocação.

— Talvez eu tenha o número dela — diz, dando de ombros.

Descruzo os braços e batuco o balcão da cozinha insistentemente.

Seria capaz de dar um soco na cara desse grandalhão, se um tapa dele não me desmontasse. Longe de ser inseguro com meu corpo, mas Bruno é enorme.

— Não me interessa, de qualquer modo. Ela não é nada minha.

Ele solta um riso nasalado e sem cerimônia alguma, atravessa minha cozinha, indo até o quarto da minha princesa. Não preciso acompanhá-lo para saber que vai beijar a cabeça dela e desejar boa noite, mesmo que ela já esteja no último sono.

São nesses momentos que penso estar pegando pesado demais. Ele ama tanto as crianças, é quase palpável.

— Não pareceu que era *nada sua* quando a olhou daquele jeito. Aposto que com ela também é assim, já que quando você deu as costas, ela pareceu ter levado um tiro.

Bruno diz, sério demais.

Ele estava nos espiando?

— E eu *sei* que está chateado, foi mal. Não vou mais insistir em tentar me desculpar.

Sinto vontade de ir atrás dele quando bate a porta, parecendo tão desolado quanto estou por dentro.

Admito que estou passando dos limites. Mas não consigo evitar. Ainda estou machucado demais pelo que fez conosco.

Bruno nos abandonou. E fez isso sem ao menos dar uma explicação.

Todo mundo fala sobre quando tem seu coração partido por outro alguém. O ficante, o marido, o namorado…

Mas ninguém nunca fala sobre o quão grande é a dor de ser machucado por alguém que chamamos de amigo.

Deus sabe o quão ruim é perder alguém que ainda está vivo.



Aos 18 anos

— Quem é essa? — ela pergunta, apontando para a fotografia do aniversário de onze anos de Malu.

— Essa é a Maria Luíza. A gente chama de Estrelinha.

— Ela é linda — elogia, passando a mão. — Ela não mora mais aqui?

— Mora do outro lado da cidade. A gente se vê aos fins de semana.

— E esse?

— Esse é o Bruno. Tá *terminando a faculdade lá no Canadá. A gente não vê a hora dele terminar pra reunir o grupo de novo.*

Tainá sorri, parecendo feliz pela minha empolgação ao falar do Bruno. Estou morrendo de saudades dele.

Um tempo depois, eu descobri que nem tudo é como a gente pensa.

Quando Bruno voltou daquela viagem, não quis ver nenhum de nós. Fingiu que não existíamos e que nossa amizade não valeu de nada.

Então, me dei conta de que essas são as piores cicatrizes; as invisíveis. A gente sabe onde dói, mas não pode fazer nada para sarar.

Capítulo 7



deixa acontecer do jeito que for
se tiver que ser, será
deixe amanhecer, deixe o sol se pôr
se tiver de ser, será

Será – *Lagum ft. IZA*

Tainá

Sou surpreendida por um unicórnio e um panda, entrando na minha sala.

Você não leu errado.

Dois bebês fantasiados irrompem a porta, parecendo procurar por alguém.

— Oi — a menina cumprimenta, e o garotinho acena.

Não demoro a reconhecê-la. É a filha do Vicente, a mesma menina do parque e do mercado. Agora, olhando-a de perto, noto que pai e filha são muito parecidos.

Os mesmos traços faciais, o mesmo trejeito e o sorriso bonito. É quase impossível não ficar vidrada no seu jeitinho.

Ela me encara de volta e quase me perco nos olhinhos verdes. A pele preta, está coberta por uma roupinha de panda, que certamente está aquecendo-a no frio que está fazendo no Rio nesta semana. Seu cabelo está solto, e os cachinhos castanhos escorrem por seus ombros.

— Oi — respondo, me inclinando sobre a mesa quando os dois começam a olhar ao redor, parecendo estranhar o local. — Vocês estão perdidos?

— Papai — o menino choraminga, sem soltar a mão dela.

— Quem é o seu pai? — pergunto ao garotinho loiro, cheio de sardinhas.

— Titio Léo — Maria responde.

— Quem você é? — ele pergunta.

— Eu sou a Tainá. Trabalho aqui na empresa do seu avô.

— Legal, eu também *trabaio* aqui.

Sorrio da sua fala, mas deixo o sorriso morrer em seguida, quando fecha a cara, não gostando nada de ser o motivo da piada.

— Maria Vitória! — a voz grossa soa desesperada ao entrar em minha sala. — Quantas vezes tenho que dizer pra não sair

sozinha? *Nem levar o Gabriel com você!*

A sapequinha ri, finalmente, deixando os dentinhos de fora, nem um pouco culpada e eu acabo rindo sem querer, chamando sua atenção.

Prendo o lábio entre os dentes quando ele me encara. Vicente coça a nuca, parecendo nervoso, antes de carregar os dois.

Ele está vestido com mais um dos seus ternos que custam um rim. Vicente sempre gostou dessa parte do trabalho executivo, estar bem vestido e passar uma impressão de quem sabe o que está fazendo.

E ele com certeza sabe o que está fazendo com meu coração nesse momento.

Do jeito que você está olhando não dá nem pra disfarçar, né, Tainá?

— Desculpa ter entrado desse jeito, é que às vezes esses dois não sabem receber ordens — justifica, olhando para os dois. — Não é, Maria Vitória?

— É, papai.

Ele une as sobrancelhas e aproxima o nariz da boca dela, depois na do anjinho que se manteve quieto desde quando o tio apareceu.

— Quem deu café para vocês?

— Vovô — o menino responde, abraçando apertado e com bastante familiaridade o pescoço de Vicente.

— É segredo — Maria responde ao mesmo tempo, fazendo uma cara feia para o outro, que não entende o olhar assassino que ela lhe lança. — Não foi o vovô.

— Sei — resmunga, desconfiado. — Vamos dar uma palavrinha com o senhor Enrico.

Então, assim como veio, eles se vão. Maria dá um tchauzinho antes de se agarrar mais ao pai e o garotinho repete o gesto.

Porém, o que mais me surpreende é o que acontece a seguir.

Vicente sorri para mim, e é como se eu voltasse a ter dezoito anos.



Aos 18 anos

Pesco a azeitona do martini sem muito entusiasmo.

Péssimo dia para ser eu. Péssimo.

Eu deveria estar na minha casa, dormindo. Preciso acordar cedo para o cursinho amanhã e, de forma alguma, posso me atrasar.

Mas ao invés de seguir o roteiro de todos os dias, assim que saí da casa do meu irmão, meus pés criaram vida própria e

seguiram para o bar mais próximo que encontrei.

Gael está um porre com a inauguração do novo hotel em São Paulo, amanhã mesmo ele irá para lá, e só volta no início do próximo ano, daqui a dois meses.

O que significa que vamos passar o natal separados mais uma vez.

— Uma cerveja trincando — uma voz rouca, pede ao meu lado.

Olho para o lado, e sinto minha boca secar no mesmo instante.

Nunca vi um homem tão bonito.

Ele não é muito mais alto que eu, seu corpo é esguio e alguns músculos estão começando a aparecer. Algumas tatuagens, que julgo ser aleatórias, cobrem a pele negra do seu braço esquerdo.

A que mais me chama a atenção é justamente a mais aleatória. Há um anjo, uma estrela, uma lua, um livro, um estetoscópio, um microfone com canopla[7] e uma chupeta envolvendo um homem. Não faz sentido algum.

— Perdeu alguma coisa? — sua voz soa novamente, dessa vez, de uma forma um pouco grosseira demais para o meu gosto.

— Boa noite para você também — resmungo, revirando os olhos e entornando minha bebida quase quente na boca.

Sinto seu olhar sobre mim, como se estivesse me medindo dos pés à cabeça.

— Desculpa — diz, quando sua cerveja chega. Ele dá um gole e continua; — Tive um dia complicado.

— Sua namorada terminou com você? — pergunto, querendo saber se está solteiro.

Ele ri, percebendo minhas intenções. Não deixo de notar sua aproximação. Minha pele queima.

— Estou solteiro — responde. — E você?

— Idem — dou de ombros. — E então… na minha casa ou na sua?

Seu sorriso se expande um pouco mais. E ele não faz ideia do quanto meu coração acelera com isso.

— Vicente — estende a mão se apresentando.

Aperto de volta, sentindo esse simples ato aquecer tudo. É como se tudo me puxasse para cada vez mais perto dele. Será que ele também sentiu o clima mudar?

— Tainá.

Pois é. No fim de tudo, um dia ruim, me rendeu uma noite perfeita.

Cheguei atrasada no dia seguinte. E nunca mais tirei o estranho do bar da cabeça. Nem do coração.

Capítulo 8



será que a gente tá querendo o mesmo?
só tem nós dois aqui pode dizer
se eu também tava na sua cabeça
é que você nunca saiu daqui não, não

Geleira do Tempo – *Anavitória ft. Jorge & Mateus*

Tainá

Depois do dia em que nos conhecemos, foi difícil manter contato. Estávamos em fases diferentes, enquanto eu me dividia entre cursinho, vestibular e decidir o que queria da vida, Vicente estava no segundo ano da faculdade de letras e estagiando na empresa do padrinho.

Era difícil se comunicar por que, ele parecia fugir de relacionamentos, como se pudesse controlar o que sente. Isso durou até o dia em que descobri que ele era ciumento.

Em uma das nossas conversas por mensagens, acabei comentando que iria a um encontro com um cara no mesmo bar em que nos conhecemos.

Ele respondeu com um “No nosso bar? Isso é sacanagem, branquela.”. Enviei alguns emojis rindo e depois respondi: “Se você não quer, tem quem queira.”.

Vicente bateu na minha porta meia hora depois.

Cancelei meu encontro e desde aquele dia, vivíamos grudados.

Não tive receio de me aproximar porque tinha um fraco por garotos quebrados e seus passados obscuros.

Não mudou muita coisa, como deve ter percebido.

Por isso, quando ele sorriu para mim, ontem na empresa, apenas um sentimento foi capaz de definir meus pensamentos: confusão.

E raiva.

Pode isso? Me trata como se minha presença não valesse nada e depois me olha como se eu fosse o colírio para os olhos dele.

Que grande merda!

Liz: Não seja impulsiva, Tainá.

Liz: Tainá, por favor!

4 chamadas perdidas.

Eu: Não vou falar nada.

Liz: Deixa o Gael para lá, Tai. Pelo amor de Deus.

Eu até queria enfrentar meu irmão. Mas desisti no meio do caminho para cá. Lembrei que ele nunca me ouve, então apenas tomei coragem e vim buscar Zion para um passeio. Ou, quem sabe, dormir comigo. Meu apartamento tem sido silencioso demais.

Ignoro seu pedido e suspiro quando a caixa metálica apita, se abrindo para que eu entre.

Conheço esse prédio como a palma da minha mão. Foi entre esses corredores que vivi as maiores provas de amor da minha vida. E também foi em um desses apartamentos, que o deixei esvair por meus dedos.

Parece até ironia.

Ironia maior ainda é se sentir vazia, mesmo quando sou a única culpada pela minha própria desgraça.

Ele dizia que não, mas é verdade; sou a vilã da minha própria história. Vicente só não ficou por tempo suficiente para ter certeza disso.

— Segura! — o grito me tira de pensamentos e eu enfio minha mão entre as portas, me surpreendo quando Leonardo entra, vestido de forma casual, como quase nunca o vi, segurando o mesmo neném que invadiu minha sala ontem. Logo atrás, vem sua mulher, carregando uma bolsa infantil.

Ele não diz nada. Apenas me encara. Bem mal-educado, por sinal. Malu, diferente dele, sorri assim que entra no elevador.

— Obrigada.

— Por nada.

— *Estelinha*[8] — o menino, que se não me engano, chama-se Gabriel, chama. Percebo, pelo reflexo que está pedindo colo.

Leonardo retira a bolsa dos ombros de sua mulher antes de lhe passar o bebê, que agora ao meu lado, sorri e acena.

Penso em tocar suas bochechas, mas lembro de Liz, dizendo que isso não é legal, e que alguns pais se sentem desconfortáveis quando estranhos fazem isso, além de crianças serem sensíveis, podem pegar uma bactéria ou algo do tipo, então apenas sorrio para o nenê.

O ar parece me faltar.

Estar cara a cara com Leonardo, é como se tivesse certeza de que nada voltará a ser o mesmo. O bonitão nunca foi do tipo rancoroso, pelo que me lembro, mas é capaz de odiar o mundo inteiro se machucarem seu protegido. A relação dos dois sempre foi muito próxima.

— Você se arrepende? — sua voz quebra o silêncio, dois andares antes do deles.

Malu me olha curiosa, e eu fujo disso, encarando o nada.

— Não — minha resposta é simples e curta.

Aprendi que culpa e arrependimento são coisas diferentes. Me sinto culpada pelo que fiz — *como fiz,* na verdade*.* Mas não me arrependo. Não quando faria tudo de novo, se necessário.

Eles acham que o Gael foi o único motivo por eu ter ido para a Itália. Mas não conhecem a real história por trás de tudo.

O silêncio sufocante que se forma no elevador, é suficiente para me fazer engolir em seco, desconfortável com o tom de acusação velada que diz: *você é uma idiota.*

— Tenha uma boa noite.

Suas palavras tem um gosto amargo em minha boca, um sentimento esquisito ao meu peito. É como se estivesse me rogando uma praga.

— Caramba, você não me contou nada — escuto Malu enquanto as portas se fecham.

Tudo que não tenho é uma boa noite há anos. Seis, para ser exata. Mas isso, ele não precisa saber.



Aos 24 anos

— Tá tiste, *titia? — Arthur pergunta, escalando o sofá para deitar ao meu lado.*

— Não, amor. Só tô pensando um pouco.

Enquanto dá comida na boca de Daniele, Liz me encara preocupada.

— Deveria ligar para ele.

Rio da sua sugestão.

Já tentei ligar há uns anos, mas ele me bloqueou.

E hoje, não é um bom dia.

13 de setembro. É véspera de aniversário do Vicente. E faz quinze anos que o Anjo se foi.

Nunca o conheci, mas é como se tivesse acontecido.

Sempre ouvi histórias do Vicente. Léo e Enrico relembravam alguns momentos, mas Anna sempre desviava do assunto. Ninguém nunca explicou o porquê, e eu sempre tive uma pulga atrás da orelha sobre esse assunto.

— Pelo menos tenta.

Não a respondo, mas depois da meia noite, não resisto e envio uma mensagem, que assim como as outras, não chegam até ele.

Eu: *Parabéns. Tô com saudades.*

Capítulo 9



hoje eu tô pensando em você
em tudo que cê sabe fazer
depois eu já não sei te dizer
mas eu te quero sem maldade, baby

Sem Filtro – *Iza*

João Vicente

Uma semana.

Faz exatamente uma semana que Tainá está fugindo de mim como o diabo foge da cruz.

Não sei o que culminou esse afastamento repentino — não que estivéssemos muito próximos, mas agora, ela parece me evitar a todo instante.

Usa a escada ao invés do elevador quando percebe que estou dentro, ignora meus olhares nas reuniões, passa pela minha porta — que deixo aberta propositalmente — quase correndo e sem olhar para os lados, além de, claro, evitar terminantemente de estar a menos de cinco metros de mim.

Mas hoje está sendo inevitável. Para minha alegria.

São quase nove da noite e somos os últimos a sair da empresa. O estacionamento está vazio, exceto pelo meu carro. Tainá olha para o celular e depois para a rua deserta, devido à chuva que cessou há pouco mais de cinco minutos.

— Quer uma carona? — pergunto devagar, mas acabo assustando-a. — Desculpa por chegar desse jeito.

— Tudo bem — responde. — Não precisa, obrigada.

Ela mal me olha enquanto fala, voltando a olhar entre a rua e seu aparelho. Me desconcentro por um minuto, quando chego mais perto e sinto seu cheiro.

Aproveito que está fingindo que não existo, para olhá-la melhor. Seis anos fizeram *muito* bem para ela. Antes, era perfeita, hoje, está um espetáculo.

— Aconteceu alguma coisa? — insisto.

— Deveria ter acontecido? — rebate, começando a batucar os saltos altos no chão, um sinal de impaciência que, pelo visto, nunca perdeu.

Os jeitos mais fáceis de vê-la perdendo a paciência são: entrar em casa com sapatos, comer com a boca aberta perto dela e ler em voz alta. Tainá é como um livro aberto para mim, e eu adoro irritá-la. Sempre foi meu passatempo preferido.

— Parece que tem me evitado na última semana — sou direto, nenhum de nós dois gosta de enrolação. — Só quero saber se está tudo bem com a gente.

Péssimas escolhas de palavras, João.

Péssima.

— Está tudo ótimo com a gente — debocha, finalmente me olhando nos olhos, e logo aponta um dedo em riste para o meu peito, se aproximando devagar, conforme sua fúria cresce. — Deveria fazer essa pergunta para você mesmo.

Puta que me pariu.

— Do que você está falando? — indago, confuso.

— Eu não te entendo! — quase grita, tamanha raiva que sente. — Uma hora você me odeia e na outra está sorrindo para mim, como se nada tivesse acontecido.

— Eu não te odeio.

Odiá-la seria como recusar bolo de chocolate ou gostar de matemática.

Impossível.

Não dá pra odiar o amor da sua vida.

— Não é o que faz parecer! — continua se aproximando. — Você diz uma coisa e no momento seguinte faz…

Então, faço o que desejo a muito tempo. O que nunca deveria ter deixado de fazer: beijo-a, calando seus protestos.

Trazendo de volta para nossos corpos a sensação de acalento e familiaridade que apenas nós dois podemos trazer um para o outro.

Porque não posso mais ficar longe.

Prometo para nós dois através desse toque que nunca mais vou deixá-la ir.

Porque tudo que há em mim clama pelo que só ela pode dar.

Calo a voz de dentro de mim que insiste em dizer que isso não é o correto a se fazer.

Nos tornamos uma confusão. Sua boca reivindica a minha como se o mundo estivesse se acabando. Faço o mesmo, sem intenção alguma de quebrar esse contato. Sua mão sobe para a minha nuca e a minha desce para sua cintura, trazendo-a para mais perto, tentando nos fundir um ao outro.

Não sei quanto tempo se passa, só sei que não consigo soltá-la.

Minha pele inteira se arrepia quando solta um murmúrio baixinho.

Seus olhos permanecem nos meus, límpidos. Claro como água cristalina. Transmitindo toda a confusão na qual senti falta. Ela esquadrinha todo meu rosto, arfando.

Sorrio, com nossos lábios ainda colados.

— João Vicente Martins — ela parece voltar ao mundo e meu sorriso se desfaz. *O que eu fiz de errado?* — Não acredito que fez isso!

— O quê?

— Que droga! — esbraveja e bate no meu peito. — Você não tem o direito de fazer isso.

— É. Eu fiz. E você retribuiu.

— Não faz mais! — grita, me batendo de novo e dando dois passos para trás, colocando as mãos na cabeça, me dando as costas. — Ouviu?

— Vou fingir que não — murmuro. Ela dá meia volta e me encara com um olhar ameaçador e as mãos na cintura. — O quê? Estou sendo sincero.

Tainá respira fundo, puxando o ar com raiva. Penso que vai rebater minha provocação, mas ela simplesmente me dá as costas e sai correndo.

Enquanto eu, fico parado no estacionamento, sem saber exatamente o que fazer, olhando para ela quando se distancia e sorrindo feito um bobo.

Se algum dia já fui triste, não me lembro.



Apago pela milésima vez a mensagem. Reescrevo tudo novamente, só para, um minuto depois, apagar novamente.

Por fim, decidi mandar o básico, esperando que ela não se chateie.

Eu: Oi. Peguei seu número com o Bruno, espero que não se importe.

Eu: Queria saber se chegou bem em casa. Depois que você saiu a chuva recomeçou e fiquei preocupado. Me dá notícias quando puder…

Vejo-a on-line no mesmo instante e meu coração se acelera com a mínima chance de me responder.

Tainá: Olá, essa é a central de atendimento da Funerária Semeador, há 20 anos plantando o homem na terra. Aguarde um pouco, sua hora está chegando!

Mas que merda é essa?

Capítulo 10



várias queixas
várias queixas de você
porque fez isso comigo
estamos junto e misturado
meu bem
quero ser seu namorado

Várias Queixas – *Gilsons*

João Vicente

Na segunda, quando chego na empresa, o andar parece estranhamente sem graça.

Após deixar minha maleta em cima da mesa, bato duas vezes na porta ao lado da minha e quando não há resposta alguma, abro-a, encontrando o lugar vazio, o que me deixa ainda mais puto.

Passo na sala do padrinho, cumprimentando-o. Ele me pergunta se está tudo bem e por que pareço esquisito, mas eu apenas mudo de assunto, falando sobre as crianças e me retiro.

Abro a sala em que Luna ocupará a partir de hoje e a encontro de pé, no meio do ambiente e olhando para as janelas de vidro com um semblante pensativo.

No auge dos vinte e um anos, Luna está bem longe de continuar sendo a garotinha fofa e carismática que todos esperávamos desde quando era pequena. Em um ou dois anos, ela irá se preparar para assumir a Interestelar, ocupando um lugar mais que merecido.

Morro de orgulho da minha pequena.

A rosa vermelha, que recebe todos os dias, está em cima da mesa, me fazendo pensar que o que quer que tenha acontecido tem haver com o cara secreto, o mesmo que envia essas flores todos os dias.

E não adianta perguntar, ela nunca fala quem é esse. Como se fosse um segredo sujo, daqueles que guardamos trancados a sete chaves.

— Tudo bem por aqui, pequena? — indago devagar, sem querer assustá-la.

— Mais ou menos.

— Quer conversar? — fecho a porta atrás de mim e me sento em uma das cadeiras. Luna suspira e depois se vira em minha direção, apoiada no vidro.

— Você acha que tem algo errado comigo?

— Como assim?

— Não sei. Tenho a sensação de nunca estar fazendo a coisa certa.

— Luna…

Ela me interrompe.

— Você foi o único que não perguntou porque estava triste no casamento do Léo.

Não queria entrar no seu espaço pessoal, coisa que os outros fazem bastante quando estão preocupados. Já estive do outro lado da moeda, sei o quanto é sufocante, então quis dar um espaço para a pequena, mesmo que meu coração tivesse ficado pequenininho quando percebi que o choro, não era de felicidade.

— Acredito que o que quer que seja, você me falará agora — deduzo.

— *Ele* estava lá.

Arqueio a sobrancelha e só depois caio na real. O cara secreto.

— E ele é…?

— É o filho do Fabrizio, lembra dele?

— O Rafael? — questiono.

Lembro do garoto franzino, filho de um dos magnatas mais famosos do rio. E que se eu não me engano, é ex-padrasto de Luna.

Luna crispa os lábios, me encarando culpada.

— O Romeo.

— O ROMEO?

Me espanto mais do que deveria com a informação. Ele é o filho mais velho do velho – a rima não foi de propósito – e deve ser, sei lá, uns dez anos mais velho que ela. Sua fama também não é das melhores. O cara deve ser um saco.

— Fala mais baixo, porra! — me repreende.

— A sua mãe sabe disso?

— Não quero nem sonhar com isso acontecendo — ela se joga na cadeira, cobrindo o rosto com as mãos e logo entendo porque.

Cinthia tem um histórico complicado com homens e seus bens. Longe de mim julgar alguém, mas sempre esteve claro que o que ela busca em todos os relacionamentos que se mete, é o dinheiro.

Isso refletiu em Luna por muito tempo. Ela usava a própria filha para conseguir dinheiro do padrinho e agora, com a filha maior de idade e dona do próprio nariz, vive pulando de relacionamento com esses velhos carentes. Foi o caso do Fabrizio Venturelli, mas bem… essa não é minha história.

— O que isso tem a ver com o papo de você não ser o suficiente?

Ela morde os lábios.

— Porque sou igual a ela. Egoísta e ambiciosa.

— Estou com medo de perguntar, mas o que te levou a pensar assim?

Ela me olha, esperando que eu entenda o que quer dizer. Respiro fundo, porque esse é o tipo de conversa que eu não gostaria de estar tendo com alguém tão especial e única quanto Luna.

— Você nasceu para estar no topo, Luna. Pode ter o mundo nas mãos, se quiser. Não é um idiota qualquer que pode usar esses adjetivos como algo ruim.

— É — concorda, parecendo tentar se livrar do assunto. — Talvez ele…

— Ele não está certo, Luna. Você não é como ela e nunca vai ser.

— Se eu pudesse mandar no meu coração — comenta, com um sorriso exagerado de bonito. — Escolheria me apaixonar por você.

— Eu sei, sou o cara perfeito — confirmo, me achando. — Para de pensar nisso, ok? Você é incrível.

Mando um beijo e abro a porta.

— Vicente — ela chama e eu me viro. — Ela está de folga.

Sorrio para a sapequinha e saio de sua sala.



Passa das oito da noite quando termino de banhar Maria Vitória e finalmente posso descansar. Deixo-a brincando no quarto enquanto tomo banho e me troco.

— Lindo, papai — elogia a seu modo quando a carrego e eu rio com o quanto nos parecemos.

Beijo seu pescoço pelo prazer de ouvir seu riso frouxo. É o som da minha felicidade.

— O que vamos comer hoje? — pergunto, já com o celular na mão para ligar para o delivery mais próximo.

Eu sei cozinhar. Bem, não tenho um cardápio elaborado ou muito amplo. Sei o suficiente para não nos matar de fome e nos manter saudáveis. E sempre tenho na discagem rápida três restaurantes que o padrinho indicou com cardápios especiais para crianças.

— Pizza! — comemora, como se eu já tivesse concordado com o pedido.

— Não, senhora — corto a gracinha quando beija minha bochecha, sabendo que esse é o caminho para me convencer. — Pizza só aos sábados.

Ouço batidas na porta e olho para o celular, conferindo se Bruno mandou alguma mensagem. Geralmente, ele é o único que aparece aqui a esse horário, depois de um dos seus infinitos plantões, para tomarmos uma ou para ver Maria e o Anjo.

— Quem é? — pergunto, enquanto caminho até a sala, depois que não encontro nenhuma mensagem dele.

— Eu.

Normalmente, rebateria com um “eu quem?!”, porque simplesmente odeio essa resposta. Mas não hoje, quando é quase impossível não reconhecer a voz que me responde.

Corro com a bebê no colo, que ri da minha pressa quando abro a porta bruscamente. Meu coração salta desesperado quando a vejo. É sempre assim, Tainá não precisa de muito para me ter assim: rendido pela sua presença.

Ela veste uma camiseta do Flamengo – se Malu ver, é capaz de expulsá-la do andar – e um short jeans claro, seu cabelo está preso em um coque desajeitado, todo bagunçado. Seu cheiro me alcança, fazendo tudo em mim revirar de felicidade, e quando ela sorri… quando ela sorri, eu me derreto.

— Oi — ela diz.

— Oi — respondo, tentando me recompor e tirar a expressão de bobo do rosto. — Aconteceu alguma coisa?

Ela pigarreia e nega.

— OI! — Maria grita, empolgada, querendo a atenção para si e Tainá sorri.

— Oi, neném — cumprimenta de volta, inclinando-se para frente e cutucando a barriguinha da minha filha, que ri e balança as perninhas curtas. — Eu… estava passando por aqui e resolvi ver vocês. É um momento ruim?

Um sorriso presunçoso cresce em meu rosto sem que eu consiga segurar e ela revira os olhos quando percebe.

Ah, linda… nunca é um momento ruim para estar no mesmo lugar que você.

— Ficamos preocupados com o seu sumiço.

Tradução: eu fiquei. E talvez tenha incluído meu bebê para amolecer seu coração de pedra.

— João — Tainá rebate, apertando a ponte dos olhos dessa vez. — O que isso significa?

— Fiquei preocupado — falo baixo, no mesmo tom. — Você fugiu. E me evitou por uma semana. Tentei te mandar mensagem, mas o número que você passou para o Bruno, era de uma funerária.

E talvez eu tenha ficado feliz com o fato de você não ter passado seu número real.

Ela tenta segurar o riso, mas falha, deixando escapar aquele som que parece mais um porco. Depois, respira fundo e volta a fingir seriedade.

— Não era minha intenção — justifica, sei que é verdade porque ela nunca decora nada. — E então, não vai me convidar para entrar?

Saio do torpor e paro de encarar sua boca como um psicopata e abro espaço para que entre. Tainá retira os sapatos e deixa do

lado de fora, um costume — na minha opinião, sem sentido algum — que sempre teve.

Reviro os olhos quando me encara, esperando que eu faça o mesmo. A casa é minha e eu deveria ignorar isso, mas sabe o que eu faço? Obedeço ela e dou um passo para fora, retirando a rasteirinha e deixando-a próximo a porta enquanto equilibro Maria, que tenta escorregar do meu colo.

— Vem, princesa — Tainá estende os braços e ela não demora a me abandonar. Traidorazinha. — Tá cheirosa.

— Oi! — se anima. — Naná.

— Sou eu — responde, sorridente, entrando e conversando com a minha pequena. — E você é a Maria?

— *Malia Vitólia Lima Matins* — a pestinha, responde, se aproveitando do momento para apertar o peito da outra, que ri da espontaneidade do momento.

— Maria, que falta de educação!

— *Têtê*, papai — aponta, tentando se explicar.

— Deixa a menina em paz, Vicente — é sua vez de me repreender.

Ótimo. Já vi que com essas duas juntas, minha palavra é igual a nada. *Não que antes valesse alguma coisa.*

— Por que estava me evitando? — pergunto quando se senta no tapete onde estão espalhados os brinquedos da pequena.

— Não estou te evitando — justifica e eu arqueio a sobrancelha. — Meu celular acabou molhando na sexta, então não consegui te ligar.

— Será que foi porque você saiu correndo como uma desesperada? — ironizo.

— Não tem graça — me encara, com uma expressão chateada.

Levanto as mãos em rendição, me jogando ao seu lado.

O silêncio recai entre nós, o único barulho que se ouve e a música que toca baixinho ao fundo, como uma trilha sonora do momento em que acontece agora.

Não pergunto o porquê de estar aqui a esse horário. Ela também não toca nesse assunto.

Peço o jantar e comemos ao som do riso delas, que não se desgrudaram por um minuto se quer, e fizeram a maior bagunça na mesa.

Enquanto Tainá troca sua camiseta por uma minha, não deixo de pensar no quanto quero que essa seja minha rotina todos os dias.

Meus olhos não desviam nem por um momento das duas mulheres que me tem nas palmas das mãos. Tainá brinca com Mavi, até que esta comece a coçar os olhos e se arrastar com familiaridade para o colo da outra.

Maria dorme em segundos, agarrada ao pescoço de Tainá e de boca aberta. Não me contenho e tiro uma foto das duas antes que Tainá pergunte onde fica o quarto da pequena, faço menção de tirá-la de seu colo, mas ela desvia, então apenas lidero o caminho até o quarto no fim do corredor, que antes era ocupado por mim.

Não há nada demais aqui. É bem simples porque mal tive tempo de comprar o berço antes que a trouxesse para casa. Pintei de amarelo, porque acho rosa muito brega. Os brinquedos ficam no canto próximo ao closet, dentro de uma caixa enorme e também tem uma cama para os gatos da Estrela, já que eles vivem mais aqui do que lá.

Sento-me na poltrona branca ao lado do berço — que vou precisar trocar por uma cama em alguns meses — e a observo colocar Mavi lá.

Espero que se vire, que dê algum sinal de que vai escapar da conversa que sabe que precisamos ter, mas ela não o faz. Ao invés disso, acarinha o rosto da minha filha e sorri, como se estivesse lembrando de algo bom.

— Até quando vamos perder tempo fingindo que não dói? — pergunto, baixinho. Seu sorriso morre, mas ela ainda não me olha. — Por que não tentamos simplesmente nos consertar juntos?

Ela nunca foi boa em lidar com sentimentos, talvez seja por isso que todas as vezes que algo dá errado, ela se cala. Se fecha em um mundinho só dela e não deixa ninguém entrar. Tenho medo que isso aconteça agora e ela se afaste. Porque, se isso acontecer, é sinal de que em algum momento entre o nosso adeus não dito, há seis anos, e hoje, Tainá desistiu de nós.

Caminho até ela e ela finalmente me encara. Coloco uma mecha de seu cabelo escuro atrás da orelha e deixo minha mão ali, curtindo a maciez da sua pele e sentindo o coração disparado.

— Você cuida da ferida de todo mundo, mas e a sua? *E a nossa?* Nós dois sabemos que você merece mais do que um sorriso como agradecimento, Tainá. Sua dor é válida, então por que não me deixa cuidar de você?

Não preciso de mais palavras. Ou explicar o que quis dizer porque ela sabe.

No fundo, ela sabe que deveria estar em primeiro lugar na sua própria vida. Que pode ser feliz sozinha. Que pode ser o que bem entender, desde que seja algo da vontade dela.

Espero por uma reação sua, e estou quase acreditando que estou indo longe demais quando sua mão segura o meu braço que está em seu rosto. Novamente perco a noção do tempo enquanto nos encaramos, até que ela se coloque na ponta dos pés e grude nossos lábios.

É a única resposta que preciso.

Capítulo 11



vai me dando corda
que rapidinho eu 'to batendo na sua porta
a gente brinca de se apega e não se solta
depois não tem volta
pensa na proposta pra não se perder

Vai Me Dando Corda *– Grupo Menos É Mais*

João Vicente

Sorrio quando sinto um corpo se enroscar ao meu por debaixo das cobertas.

Abro os olhos e pisco algumas vezes, tentando me acostumar com a pouca luz que vem da televisão, o serviço de streaming perguntando se ainda estamos assistindo.

Depois do beijo, Tainá não falou muita coisa, parecia pensativa, então a deixei quieta, mas não sozinha. Perguntei se

queria assistir um filme, com a desculpa de que estava sem sono, mas a verdade é que ainda não queria deixá-la ir.

Olho para a janela, a alguns passos de nós, e noto que ainda está escuro. Tainá balbucia algo em meio ao sono, e eu retiro alguns fios de seu cabelo do rosto. O cheiro de lavanda que emana dela, traz uma sensação de conforto ao meu peito e eu preciso fazer um esforço homérico para não voltar a dormir assim, apesar do desconforto físico por estar no sofá.

Desenrosco nossos corpos com cuidado e levanto, ouvindo-a resmungar, abraçando uma das almofadas. Caminho devagar até o quarto de Mavi, que está no quinto sono. Ajeito-a novamente e planto um beijo em sua testa.

Desligo a televisão assim que volto para a sala e passo os braços em torno do corpo de Tainá para levá-la até o quarto.

— João — resmunga, se agarrando a mim.

— Volta a dormir, amor — sussurro, antes de ver um sorriso se formar em seu rosto e os olhos abrirem levemente.

— Amor, é?

— É — confirmo com um sorriso besta no rosto, colocando-a na cama.

Deito ao seu lado e nos cubro, abraçando o mais forte que consigo. Tainá se impulsiona e sela nossos lábios, antes de enfiar a cabeça no pescoço e voltar a dormir.



Sei que está por perto antes mesmo que fale algo. Tainá beija minhas costas nuas e abraça meu tronco, pousando a cabeça ali.

— O que você está fazendo? — sua voz sai abafada.

— Café da manhã para as minhas garotas — respondo, picando as frutas.

— Não me dá muita corda. Quem sabe eu não te obrigo a fazer todos os dias.

— Eu não vou reclamar — sorrio, trazendo-a para a frente e selando nossos lábios, a surpreendendo.

Tainá demora alguns segundos para corresponder, antes de enlaçar seus braços em meu pescoço e ficar nas pontas dos pés.

O beijo é calmo, lento, até. Meu coração, tão bobo, bate descontrolado, como se a qualquer momento pudesse sair por minha boca.

Seguro em sua cintura e a impulsiono para sentar na bancada, aproximando ainda mais nossos corpos. Mas nosso momento dura pouco, porque uma voz chorosa chamando pelo papai vindo do corredor nos interrompe. Estou quase indo em direção ao som, quando ela salta da bancada e sorri para mim.

— Eu vou ver ela, termina o café — dá duas batidinhas no meu ombro. Interesseira.

Enquanto volto para nosso café, fico ouvindo a conversa das duas no corredor e tenho certeza de que estou com a maior cara de bobo, feliz por se darem tão bem.

— Oi, princesa. Tudo bem?

— Tudo — ela responde. — Cadê o *meu* papai?

Tainá ri.

— O *seu papai está* preparando uma comidinha bem gostosa pra gente. Vamos escovar os dentinhos?

— Xixi *pimeiro.*

Tainá ri de novo.

— Certo, o xixi primeiro.

Ah, sim. Eu definitivamente poderia me acostumar com isso.



Léo: Tá em casa?

Eu: Sim. Aconteceu alguma coisa?

Não tenho resposta de volta, mas ouço a batida na porta assim que a envio.

— Cara — ele faz uma pausa dramática assim que abro a porta. — Você não sabe o que eu descobri.

Viu só? Depois *eu* levo fama de fofoqueiro da família. Mas a verdade é que apenas repasso informações.

— Bom dia, Leonardo — desejo. — Bom dia, anjinho do dindo.

— Dia, dindo.

Estendo as mãos para ele, que vem sem reclamar. Leonardo dá um passo para dentro mas eu o interrompo.

— Opa, opa… tira os chinelos antes de entrar.

Ele estranha, mas não rebate.

Se joga no sofá quando já está dentro de casa e eu ergo o príncipe no ar, abaixando-o e beijando sua bochecha. Gabriel ri e eu paro para ler a frase em sua camiseta.

“Se fizerem algo de errado, eu vou descobrir. Assinado; mamãe.”

Reviro os olhos.

— É sério?! — resmungo, apontando.

— Pois é, mano — confirma, balançando a cabeça. — Aquela foi uma péssima ideia.

Se refere ao dia em que ficamos apenas nós dois para cuidarmos das crianças e tivemos a brilhante ideia de fingir que estávamos em uma troca de tiros.

As armas eram os bebês.

Malu chegou bem na hora em que a brincadeira começou e não gostou nada. Ouvi sermão por uma semana até ela resolver nos perdoar.

— Fala o que você veio falar.

— Espera aí — ele diz, olhando ao redor da sala. — Cadê a Vivi?

— *Dindoooooo!* — como se soubesse que é o assunto, ela aparece correndo, quase tropeçando em seus próprios pés.

— *Meu amoooor* — ele faz uma vozinha fina ridícula enquanto enche ela de beijos. — Que saudade que eu tava de você.

Gabriel olha para ele, depois para mim, como se estivesse me perguntando se não vou falar nada. Acho fofinho o ciuminho que tem com o pai.

Todos nós viramos na mesma direção do arfar que vem da cozinha. Tainá está apoiada no batente, como se estivesse cansada demais para falar algo. Provavelmente correu atrás da *nossa* pestinha.

— Hm… oi, Léo.

É a vez do Leonardo olhar para mim, me perguntando se isso é mesmo verdade.

Olho de volta tentando soar o mais ameaçador possível, isso significa: *trate-a bem se ainda quiser suas bolas.*

— Oi, Tainá.

Felizmente, ele escolhe ser racional.

— Agora conta logo — estalo os dedos em seu rosto, o apressando.

— Você sabia que a Anna e o Bruno já tiveram um caso?

— Quem não sabia que eles já se pegaram?

— Não foi só pegação. Foi um lance sério, ele quase pediu ela em casamento!

Pela visão periférica, vejo Tainá nos dar as costas em câmera lenta. *Muito suspeito.*

— Meia volta — quase grito e ela se vira na mesma lentidão, com uma cara de culpada sem fim. Leonardo e eu abrimos espaço no sofá, um movimento quase ensaiado. — Nos conte tudo o que você sabe.

— Não muita coisa — confessa, olhando para as crianças brincando no canto da sala. — Sei que eles se gostam desde os quinze, que namoraram por quase dois anos quando tinham vinte e poucos e não foi para a frente porque o Bruno foi fazer a especialização. Ele ainda tem o anel. Descobri pelo Enrico, aliás.

Leonardo parece entrar em choque.

— Puta que me pariu — sussurra, depois voltando a atenção para mim. — Ele vai pedi-la em casamento.

— Mas eles nem estão juntos…

— O Flávio, tonto. Ele vai pedir a Anna em casamento.

— O QUÊ?! — Tainá e eu gritamos ao mesmo tempo.

— Ele tava conversando com a Luna esses dias e eu ouvi um pedaço sobre pedras que simbolizam a união. Ele tirou uma caixinha vermelha do bolso e mostrou pra minha irmã, mas eu não tinha me tocado do significado daquilo.

Arregalo os olhos, espantado. Está claro como água cristalina que o Bruno nunca esqueceu a Anna, e que Deus nos ajude, porque não tenho bons pressentimentos sobre os próximos dias.

Estava bom demais para ser verdade.

Capítulo 12



já dei tanto beijos por aí
mas igual ao seu eu nunca vi
'tá morando no meu coração de graça
esse teu olhar aí me descompassa

Eu Não Sou De Me Entregar *– Ferrugem*

Tainá

Quando era pequena, achava que o amor era parecido com aquilo que lia nos livros de romance que minha mãe deixava à toa pela casa.

Mas depois que o conheci, descobri que palavras não simbolizam nem metade desse sentimento.

Porque, quando fui embora, descobri que o amor é mais do que estar juntos fisicamente. É mais do que querer estar perto.

Quando olhei para o lado e não o vi, percebi que perdi tudo aquilo que tinha quando estávamos perto; as borboletas do meu estômago, a sensação de estar nas nuvens, o gostinho de lar que só ele tinha.

Acabou a cor, o brilho e até a graça do meu livro favorito do Jorge Amado.

Isso fez um buraco em meu peito que tem o tamanho certinho daquele teimoso fofoqueiro e as manias esquisitas dele. Não dá pra esquecer da princesinha, ela com certeza ocupa boa parte do meu coração, mesmo não a conhecendo a muito tempo.

Não é como se eu estivesse esperando por ele por todos esses anos, mas valeu a pena.

Tudo vale a pena se eles dois estiverem do meu lado.

— Naná — a mãozinha segura a barra do meu vestido enquanto me maqueio no banheiro. — Dá beijinho?

Vê se eu posso com um pedido fofo desses?

Carrego-a e beijo sua bochecha gorducha, estalando um beijo molhado que a faz rir.

— Sabia que você é muito linda? — esfrego nossos narizes, a colocando de pé na pia.

— *Ninda* você também — repete, segurando meu rosto.

Maria tem seus cabelos cacheados presos em duas marias-chiquinhas fofas e ela está vestida com um conjunto de shorts e blusa vermelha igual ao meu.

Eu deveria saber controlar meu impulso capitalista, mas não resisti quando vi esse conjunto na vitrine de uma loja infantil.

Também não sei até que ponto posso ir, principalmente entre nós duas. Às vezes, acho que estou indo longe demais e metendo os pés pelas mãos por me sentir mais conectada do que deveria.

A relação entre Vicente e eu tem evoluído bastante nos últimos meses, mas ainda não sei responder o que somos, por exemplo. Não nos desgrudamos mais. Quando não estou na empresa, estou aqui, no apartamento deles, onde já ganhei metade do guarda-roupas e ocupo a maior parte da bancada do banheiro com produtos de beleza.

— Quanto tempo ainda vamos demorar? — Vicente aparece, já arrumado.

Ele põe as mãos nos bolsos e sorri, olhando para nós três atráves do espelho, como se não tivesse demorado quase uma hora no banho e mais uma hora se arrumando.

— Deixa de ser sem vergonha, Vicente. Demorou mais do que eu no chuveiro.

— Eu te convidei para vir comigo, assim economizaríamos tempo e água.

Reviro os olhos e volto à tarefa de passar o delineador. Ele se aproxima e pega Maria no colo, mas não se afasta depois. Ao invés, enlaça minha cintura com o braço livre e beija meu pescoço.

— Linda — elogia.

— Eu também, papai? — a ciumentinha pergunta, abraçando o pescoço dele.

— Você também, meu amorzinho — estala um beijo na bochecha dela. — Minhas garotas são as mais lindas do mundo.

— Você também é um gato, amor — me viro e os abraço.

Vicente abaixa um pouco e me dá um selinho, dessa vez, a neném não interrompe. Ela ri e bate palmas.

Eu me sinto feliz, como a muito não era.

Mas isso dura até o fim da noite. Quando uma mensagem estraga tudo.

Capítulo 13



então acaba logo com essa história de distância
pra que ter medo se o amor chegou sem avisar
e tá batendo aí
abre essa porta
depois não esquece de trancar

Presentinho - *Guga Nandes*

João Vicente

Bruno mudou o nome do grupo de "**todos os filhos de Enrico e Helena**" para "**ALGUÉM ME TIRA DESSE CARRO**"

Bruno: ALGUÉM ME TIRA DESSE CRARO.

Bruno: CARRO*.

Eu: ???

Bruno: SUA MULHER NÃO SABE DIRIGIT!!!!

Bruno: DIRIGIR*.

Eu: Descobriu agora? Quero novidades.

Bruno: VOCÊ NÃO PODIA TER DITO ANTES *FDP*?

Bruno: ELA COMETEU UNS DOIS CRIMES ENQUANTO FAZIA A CURVA E AINDA FICA GRITANDO COMIGO.

Eu: KKKKKKKKKKKKK.

Malu: Ela não tem carteira?

Eu: Ter, tem. Mas saber dirigir civilizadamente é outra coisa.

Luna: Às vezes eu tenho medo do Vicente.

Anna: Acontece sempre.

Anna: Será que morreu?

Bruno: Se eu soubesse que era tão ruim não teria pedido pra vir me buscar.

Bruno: Pra sua infelicidade, não. Cheguei em casa.

Bruno: Minhas pernas estão bambas. É normal?

Tainá: Não foi tão ruim…

Bruno: Não gostei da experiência. Nota 2, *pq* a motorista é gente boa e me ofereceu água quando chegamos.

Anna: Você se vende por tão pouco…

Bruno: Pra *vc* eu sou de graça.

Tainá: EITA!

Léo: QUE ISSO BRASIL?????

Malu: ELE COLOCOU UM CROPPED**.**

Luna: EU ME ARREPIEI TODINHA.

Anna: Consigo melhores.

Eu: *Affs*. Estragou o clima.

Bruno: Pena que nenhum deles faz o que eu faço, né, gata?

Anna: Iludido…

Tainá: Poxa, *amg*. Assim não dá pra te defender.

Luna: *Psé,* prima. Investe no gato.

Malu: Ele sabe cozinhar.

Léo: O omelete dele é uma delíciaaaaaaaa.

Luna: E ele é médico!!!

Eu: Pediatra!!!

Anna: Até você, bebê? Achei que estivesse do meu lado.

Bruno: Eu sempre fui o favorito do bebê.

Léo: Fica quieto antes que eu desista de te ajudar, B.

Anna: Ciumento.

Malu: Cadê o padrinho, hein? Não deu nem bom dia hoje.

Eu: Torrando a bunda no sol.

Eu: *Tb* quero ir pra Maldivas!!!

Enrico: Estou descansando de vocês.

Helena: Correção: ele tá morrendo de saudades e está querendo voltar o mais rápido possível.

Enrico: Deus me livre! Quero mais é que eles caçem o rumo deles e me deixem em paz. Estou velho, preciso de calma.

Eu: Cara, você casou com a Helena e tem CINCO cachorros. Paz é tudo que você nunca vai ter.

Enrico: Obrigada por me lembrar.

Enrico: Vou lembrar disso quando você casar com a Tainá e ela estiver digitando perto de você.

Tainá: Não é tão alto assim.

Enrico: Vicente, eu consigo ouvir da minha sala.

Não rebato porque é verdade. Também consigo ouvir da minha.

Enrico: Até mais, prometi uma massagem para a minha mulher e preciso cumprir.

Luna: PAI, EU NÃO SOU OBRIGADA A LER ESSE TIPO DE COISA!

Largo o celular, rindo quando o Anjo corre até mim desesperado com Amora atrás dele, tentando morder sua bunda.

— Amora, que coisa feia! — repreendo, tirando Gabriel de seu alcance, que ri como se nada tivesse acontecido.

— Dindo! — ele bate palmas.

— Oi, neném — beijo sua bochecha, cheia de sardinhas. — Cadê a Maria?

Ele aponta para o canto da sala, onde os dois vira-latas de Helena estão disputando a atenção da minha pequena. Amora se junta aos três, lambendo o rosto dela, que ri e afaga as orelhas da cachorrinha.

— *BUNO!* — me assusto quando Gabriel grita.

Olho para a direção que ele se balança e vejo Bruno e Tainá entrando juntos e rindo.

— Desfaz essa cara, Vicente — olho para Malu, que sorri ao me provocar, nem mesmo a vi se aproximar.

— Estou normal.

— Está com ciúmes.

— Estou levemente desconfortável — justifico. — É diferente.

— Você perdoou ela? — pergunta, voltando a seriedade.

Observamos juntos quando Tainá vai até Mavi e se senta ao seu lado, junto aos cachorros.

— Nunca tive nada para perdoar — dou de ombros. — Eu tinha raiva pelo jeito que as coisas aconteceram, mas entendo seus motivos.

— Ele também a ama, João.

Respiro fundo. Talvez Malu conheça Gael melhor do que a própria irmã.

Sei que sim.

Mas existe um limite para o amor. Principalmente o fraternal.

Nada dói mais do que não ser correspondido pelo seu próprio sangue. A dor da rejeição, vinda daqueles que *deveriam* nos amar.

Sei que Gael ama a Tainá. Nas poucas vezes que nos vimos, ficou explícito em seu olhar. O problema, é que o dinheiro e o poder subiram a sua cabeça de tal modo, que se transformou em uma pessoa egoísta, frígida.

Ele só pensa no bem dele e daquela maldita empresa. E a *única* família dele?

O idiota não tem mais ninguém no mundo além da minha mulher. Seus pais se foram e ele conseguiu afastar todo o resto que sobrou. Mesmo assim, segue sendo um babaca egocêntrico, como se o mundo girasse ao redor do seu umbigo.

— Parece que ele não percebe isso — lamento. — Ela é tão incrível, não entendo como ele pode deixar ela escapar desse jeito.

— Às vezes, é difícil perceber o que está diante dos nossos olhos.

Ela, mais do que ninguém, sabe o que isso significa. Leonardo não fazia uma real questão de esconder o que sentia pela Estrelinha, mas ela estava tão presa a pequenos detalhes, que não percebia. Tainá também é assim.

— BOA NOITE, FAMÍLIA! — Luna invade a casa, quase saltitante. Eu diria que tomou, pelo menos, duas taças de vinho.

Estamos na casa do padrinho. Apesar dos dois pombinhos estarem curtindo a lua de mel em Maldivas — que inveja —, não deixamos de vir até sua casa, religiosamente, aos sábados para jantarmos. Aproveitamos para dar um pouco de atenção aos *doguinhos*, que ficaram sob nossa tutela.

Faz cinco meses desde o dia em que Tainá e eu entramos nesse relacionamento sem rótulos — mas que mudará em breve.

— A comida tá na mesa — Leonardo grita.

Nem me preocupo em pegar Maria, pois, antes que eu o faça, ela corre para o colo do Bruno, que enche a pestinha de beijinhos e senta a mesa com ela no colo.

Me ofereço para alimentá-la e ele, como sempre, nega. Os dois se divertem enquanto comem e o anjo se junta pouco tempo depois.

É engraçado ver ele aceitar que os dois enfiem a mão no prato e depois em sua boca, como se ele fosse o bebê e não o contrário.

Olho ao redor da mesa, notando todos entretidos e conversando entre si. Menos Anna, que está cada vez mais

ausente, aceitando trabalhos longe de casa e virando noites na emissora.

Me sinto meio perdido em relação a isso. Parece que estamos cada vez mais distantes, mesmo estando sempre juntos. Todo mundo muda de assunto quando tudo o que aconteceu nos últimos dois anos entra na roda, mas eu me incomodo.

Não quero que essas coisas fiquem entre nós, eles são a única família que tenho além da minha mãe. Mas enquanto todos estiverem fingindo que o elefante na sala não existe, nada vai melhorar entre cada um de nós.

Meus pensamentos somem quando sinto um beijo estalar no meu ombro.

— No que tá pensando? — ela pergunta.

— No quanto você é linda — beijo sua boca. Tainá semicerra os olhos, como se estivesse desconfiada, mas logo me beija novamente, calando meus pensamentos.



Levanto do sofá em um pulo quando começa a tocar um pagodinho na playlist chata que o Bruno colocou pra tocar depois do jantar.

Agarro Tainá, de pé ao lado de Malu enquanto olham algumas fotos de nós quando éramos pequenos. Luna foi embora há horas.

— Vicente, não tem ninguém dançando — resmunga, mas passa o braço pela minha cintura, acariciando os cabelos de uma Mavi cansada.

— Vamos dançar sozinhos então.

Ela sorri e nos agarra mais forte, me deixando guiá-la.

— E eu não me separo de você, mulher, nem se a Globeleza um dia me quiser, se na mega-sena eu vencer, fico com você, fico com você… — giro-a devagar, fazendo Mavi rir e apertar meu pescoço. — Se no Barcelona eu for camisa 10, me cobrir de ouro da cabeça aos pés… fico com você, fico com você.

Tainá apoia a cabeça em meu peito, e Maria se inclina para beijar sua bochecha.

Me sinto o cara mais foda do mundo por estar com as duas garotas que amo nos braços.

Seu telefone volta a tocar pelo que parece ser a décima vez e ela o pega, está prestes a desligar quando seu semblante se desfaz. Me preocupo na mesma hora.

— Bruno, pode cuidar da Maria pra mim? — peço, assim que Tainá diz que precisa ir, parecendo atordoada.

— Claro, vai lá — ele concorda, antes que o outro possa processar o que pedi. — Vem com o titio, amor.

Pego a chave do carro e a sigo para fora, quase não a alcançando, já que anda mais rápido que o normal. Não faço

perguntas ou a deixaria ainda mais nervosa. Arrasto-a para o meu carro, sabendo que não tem condições nenhuma para dirigir o seu.

Porém, o que me deixa em estado de alerta, é que quando chegamos no seu prédio, ela nem tira os sapatos para entrar dentro de casa.

Capítulo 14



se eu te deixo livre é porque eu te amo
a gente não precisa fazer nem um plano
quando 'tô com saudade eu te chamo
eu deixo você ir só pra te ver voltando

Maneira Errada – *Jorge e Mateus*

Tainá

12 chamadas perdidas.

Liz: Estou no hospital. É a Daniele.

Seis palavras.

Foi o suficiente para fazer meu mundo ruir a algumas horas atrás, me fazendo perceber que nem tudo são flores, literalmente.

Daniele e Arthur são meus sobrinhos. E não, não é porque Liz é minha amiga, e sim porque são filhos do Gael.

Filhos esses que ele nunca fez questão de saber. Bem, não conheço toda a história porque Liz não gosta de falar sobre. O que sei é que ela o procurou quando descobriu que estava grávida, mas ele nunca quis ouvi-la.

Na época, a empresa estava passando por um momento de crise, um vazamento de dados culminou na perca de diversos projetos milionários. Manoel Basile culpou a assistente pessoal do filho, a mesma que descobriu estar envolvida emocionalmente com o próprio e que tinha acesso a todos os dados.

E Gael, como sempre, acreditou em mais uma das palavras mentirosas do pai.

Tenho vontade de enfrentá-lo e saber sua versão da história. Não porque duvido das palavras da minha amiga, mas sim porque, assim como moedas, histórias sempre têm dois lados diferentes, que nem sempre condizem com a mesma coisa.

— Me promete uma coisa? — a voz de Vicente me desperta dos meus pensamentos.

Tentei resumir tudo o que sei sobre essa história para ele, até sobre a Dani e o que pode, possivelmente, estar acontecendo agora.

— O quê?

— Promete que essa é a última vez que você pausa sua vida para priorizar a do seu irmão?

Silêncio.

Minhas mãos param de se mover. Seus dedos não batucam mais o volante.

A única coisa que escuto são meus neurônios queimando.

— Sei que não deveria pedir isso, só que… eu tô cansado de te ver sempre tentando se desculpar com ele por algo que ninguém teve culpa. — Vicente me olha, bem sério. — Gael já é grande o suficiente para saber que a vida não é do jeito que a gente quer. E você é nova demais para tentar caber em lugares onde não pertence.

— Ele é a única família que tenho — tento justificar, mesmo que seja em vão.

— Não é — diz, apoiando a mão na minha coxa. — Você tem a mim. Tem a Maria… a minha família, é a sua também.

Nesse momento, um pedaço do meu coração parece cicatrizar.

Vicente também não tem nenhum laço sanguíneo a não ser sua mãe e filha, e isso não o impede de ter uma família enorme. Que, por vezes, beira o insuportável, mas que não deixa de serem unidos.

Saber que me considera parte disso, é como poder respirar tranquila novamente.

— Tudo bem — concordo. — Você está certo. Só que… eu ainda o amo. E não quero vê-lo sozinho.

— Meu pai me deixou no meu aniversário de cinco anos. Eu nem lembro de suas feições, mas consigo sentir o cheiro dele quando estou na casa da minha mãe. Eu ainda o amo. Mas não

preciso dele. Nunca precisei. O Gael pode aprender a viver sem você, ou quem sabe até mudar.

— Eu amo você, João.

Solto, o que está preso na garganta desde que olhei para ele, dentro da minha sala.

Ele sorri e meu peito dispara.

— Eu também te amo, amor — responde, fazendo carinho em minha coxa com o polegar. — Mas pode repetir quando descermos do carro para eu poder te beijar?

Sorrio, e uma lágrima escorre pela minha bochecha.

— Você nunca disse antes — acuso, me sentindo uma criança.

— Você quem nunca ouviu — rebate, tocando meu nariz antes de focar no trânsito, a caminho do aeroporto.

Não deixa de ser verdade.

Ele dizia que me amava todas as vezes que me olhava ou me beijava.

Ao deixar roubar suas camisetas novas e até quando me deu as chaves reservas do apê sem contar pro Léo.

Vicente dizia que me amava até quando brigávamos e ele não me deixava assistir nossa série favorita sozinha. Ou quando lembrava de comprar comida no meu restaurante favorito quando ficava trabalhando até tarde.

E até quando me deixou ir.

Rio. Porque é um momento ruim, mas que parece ser apenas o início de coisas boas.



Fungo quando o meu voo é chamado. Não quero ir, mas preciso. Liz e as crianças precisam de mim.

— Volta logo, tá? — Vicente me aperta em seus braços, antes de beijar minha testa.

— Nem me despedi da Maria — choro.

— Você não vai embora — ele sorri, emocionado. — Pode nos ligar todos os dias, sempre que quiser. Agora é um bom momento para dizer que me ama.

— Te amo, João. É uma promessa.

Ele me beija, e me aperta em seus braços, quase nos fundindo.

Quero morar em seus braços para sempre.

Capítulo 15



e pra completar
hoje o vizinho tá botando pra quebrar
a JBL tá cantando sem parar
já me deu gatilho pra semana inteira
eu resolvi ligar
e perguntar se essa crise é passageira

Playlist *- Mumuzinho*

João Vicente

Respiro fundo, e clico no botão verde. Chama duas vezes até que seu rosto apareça na tela, o cabelo preso em um coque desarrumado.

— *Oi, amor* — cumprimenta, coçando os olhos.

— Oi, linda. Te acordei?

— *Não. Só estou cansada.*

Faz duas semanas que está na Itália. A pequena Daniele ainda está em um estado de saúde delicado e os médicos ainda não deram uma certeza de quando receberá alta.

Sinto muita empatia por essa menina. Ter a saúde tão fragilizada, sem o pai ou uma rede de apoio por perto… não consigo nem imaginar.

Me colocar no lugar da Liz, a mãe da pequena, é desesperador.

Não consigo pensar em passar por uma situação dessa com a minha menina, sem sentir meu peito se apertar.

— Não vou tomar muito seu tempo… é que tem alguém querendo muito falar com você.

— *SÉRIO?* — ela grita, mas logo põe a mão na boca, repreendendo a si mesma. — *Cadê ela?*

Abaixo a tela e a intrometida segura o celular com as duas mãos, soltando um grito animado, pulando na cama e caindo de bunda no colchão.

— *Naná!* — esse é seu jeitinho de cumprimentar a mulher do outro lado. — Saudade.

— *Oi, minha princesa* — a voz dela é trêmula, e um biquinho choroso se faz presente em sua expressão. — *Também tô morrendo de saudades.*

— Maria quer *Naná,* papai — minha bebê se vira para mim, apontando para o celular ao mesmo tempo. — Maria quer beijinho,

Naná.

— *Maria vai ter beijinho da* Naná *em breve, tá bom?* — Tainá chama a atenção de volta pra ela. — *Mas você tem que ser boazinha com o papai. Promete?*

— Promete — Maria repete. E beija a tela do celular, como se pudesse beijar uma das suas pessoas favoritas no mundo.

— *Você deveria estar dormindo, mocinha. Não é hora de bebê estar acordado.*

Maria ri e rasteja do meu colo até deitar-se no travesseiro.

— Tchau, papai — se despede de mim, deitadinha, com o celular na mão. A cena faz meus lábios se contorcerem, quase rio.

— *A Naná vai contar uma história pra você dormir* — começa, quando ajeito minha menina melhor na cama e a abraço, assim ficamos nós dois encarando a mulher que nos tem na palma da mão. — *Era uma vez, uma princesa chamada Maria Vitória…*

— *Lima Matins* — a sapeca completa.

Tainá sorri do outro lado.

— *Era uma vez, uma princesa chamada Maria Vitória Lima Martins…*

Capítulo 16



esse sorrisinho na tua cara, eu sei
no que é mais gostoso que encontrar alguém
que te deixa à vontade, dá prioridade
toma conta e invade, deixa tudo bem

Deixa Tudo Como Tá *- Thiaguinho*

Tainá

Sorrio para a foto que acabo de receber.

Maria está vestida de unicórnio, como no dia em que invadiu meu escritório.

Eu: Não aguento tanta fofura.

Vicente: Tinha que ser minha filha, né, gata? Ela é perfeita.

Vicente: Saudade.

É sempre assim. Nossas conversas sempre terminam com um de nós dizendo que está com saudade, e eu prometendo que logo estarei de volta.

Mas hoje é diferente.

Não respondo sua mensagem, porque estou parada na sua porta há cinco minutos.

O problema? Não tenho coragem de tocar a companhia.

— Vamos tomar banho, porquinha? — ouço a voz dele do lado de fora e não consigo explicar a sensação boa que me causa. — Já deu de aprontar hoje, né?

— *Naná pimeiro.*

— A Naná está ocupada. Vamos ligar para ela mais tarde.

— Tô muito *tiste,* papai.

Meu peito se aperta e eu finalmente cedo. Não quero que minha princesinha fique mais triste.

A porta se abre e antes mesmo de cumprimentar Vicente, me ajoelho no chão quando Mavi aparece.

— *Naná!* — seu grito me faz sorrir. — Saudade.

— E você não vai me abraçar? — pergunto, fazendo beicinho. — Quero muito amor e beijinhos.

Ela pula em meus braços na mesma hora.

Há alguns meses, quando fechei o contrato com a editora, perguntei a Enrico o que Helena era dele. Esperei que respondesse *namorada* ou *esposa.*

A resposta, me surpreendeu bastante, porque nunca havia pensado daquele jeito.

Ele sorriu, e disse com os olhos brilhando que ela é sua casa. Independente do local ou da situação em que estivesse, se ela estivesse ao seu lado, seria suficiente. O resto do mundo não importa.

Agora, eu finalmente entendo isso.

Porque me sinto completa. É porque agora tenho uma família, como eu sempre quis.

Não senti falta *só* do Vicente. Senti falta de *nós*. Da nossa pequena-grande família que ocupa todo o espaço do meu coração molenga.

Levanto com ela no colo e logo sou puxada para os braços do homem da minha vida. Vicente beija meu rosto, ainda agarrado a nós duas.

— Porque não avisou que estava vindo? Eu queria ter te buscado.

— Quis fazer uma surpresa.

— Como tá a Dani?

— Melhor. Ela está no meu apê — respondo. — Quero que vocês conheçam as crianças, tenho certeza que a Mavi e o anjinho vão se dar bem com eles.

Vicente sorri.

— Estava morrendo de saudades.

— Eu também. Voltei o mais rápido que pude.

Ele está quase me beijando quando uma mão minúscula pousa em seus lábios.

— *Naná* minha, papai.

Vicente mostra a língua para ela e eu reviro os olhos. Cinco anos, não é possível.

— A Naná pode ser dos dois, princesa.

— Não! Só minha — cruza os bracinhos como se fosse gente grande.

— Vamos ter uma conversa sobre dividir, mocinha — ele aponta, fingindo cara de bravo. — E vai ser muito séria.

Ela também mostra a língua, deitando no meu pescoço. Vicente aproveita para me dar um selinho, sem interrupções dessa vez.

— Muito feliz, Naná.

Beijo sua bochecha rechonchuda.

Eu também estou muito feliz, filha, penso.

Capitulo 17



hoje eu sonhei com você
saudade me faz sofrer
tantas lembranças no ar
me fazem chorar
me fazem querer
de novo encontrar você

Hoje Eu Sonhei Com Você *- Grupo Menos É Mais*

João Vicente

Já fazia um tempo que não acontecia. Mas hoje, senti a necessidade disso.

Enviei uma mensagem para Tainá avisando que não conseguiria aparecer em sua casa hoje e pedi para o padrinho ficar com a Maria. Normalmente, não costumo me aproveitar do amor

que ele tem pela minha filha para cuidar dela, porém, nesse momento, eu não seria capaz de muita coisa.

Respiro fundo, antes de me benzer e colocar as flores em cima da lápide fria.

O relógio sempre esteve de mal comigo.

Dezoito anos.

Faz dezoito anos que não ouço sua voz, ou seu riso.

Já não preciso mais me preocupar se ele vai ou não bagunçar o meu cabelo, nem em correr dele ao redor da mesa de jantar. Ou me preparar para seus ataques de cosquinhas.

Não preciso mais correr para seus braços sempre que estiver triste, nem esperar ansioso pelo dia em que vai me ensinar a andar de bicicleta.

Não tenho mais porque correr para seus braços em busca de carinho e atenção.

Por que ele não está mais aqui. E nem vai mais voltar.

Às vezes tenho medo de esquecer seu rosto. Ou de não lembrar os pequenos detalhes que faziam parte dele, como o ronco que seu nariz fazia quando ria ou como ficava vermelho de raiva quando um de nós brigávamos.

Eu tinha nove anos quando o vi pela última vez, e confesso que daria de tudo para que aquele não fosse nosso último dia juntos.

Amanhã completo vinte e oito anos, e tudo que eu queria era que estivesse aqui, conosco. Vendo o quanto cresci.

Aposto que ele e o Bruno brigariam muito para disputar a atenção da Mavi e do Anjo. E que teria dado uma surra no Léo por ter engravidado a Estrelinha antes de pôr um anel no dedo dela.

Anna não estaria imersa em trabalhos para nos evitar. Bruno não se sentiria tão solitário. O padrinho não teria colocado sua dor de lado para cuidar da nossa. E Helie não perderia tanto tempo se perguntando *onde* errou.

Passo os dedos pela lápide branca sentindo meu peito disparar.

As lembranças daquele dia invadem minha mente em flashs rápidos.

Luna pulando na cama para nos acordar.

O padrinho dizendo que não deveríamos ter dormido tão tarde.

Malu rindo.

Bruno e Anna felizes por terem conseguido uma vaga na Federal.

Gabriel bagunçando meus cabelos e dizendo que Anna iria ensiná-lo a nadar naquela tarde.

Gabriel saindo da casa do padrinho com Anna.

Anna voltando chorando. *Sem ele.*

Lágrimas por todos os lados.

Passo a mão pelo rosto, limpando as *minhas* lágrimas que nublam minha visão.

Faria de tudo para passar mais tempo ao lado dele.

Entendo que nenhuma dor é para sempre, mas tem dias em que acredito que não vou suportar tanta saudade. Hoje é um desses.

— Vamos para casa, bebê — ouço a voz chorosa de Bruno e seu toque em meus ombros.

Me jogo em seus braços, o surpreendendo.

— Desculpa, cara — peço, em meio ao choro. — Desculpa.

— João, tá tudo bem — ele afaga minhas costas. — Você não fez nada de errado.

Não consigo falar sem soluçar. As lágrimas não deixam. Mesmo assim, tento.

— Desculpa por estar te t-tratando tão mal n-nos últimos tempos. Não quero olhar p-para trás um d-dia e me a-arrepender de passar t-tanto tempo b-brigando.

— Vicente — chama calmo, olhando em meus olhos. — Tá tudo bem. Vamos virar essa página, tá bom?

Assinto.

— Agora vamos para casa — diz devagar. — Sua mulher está preocupada e a Mavi não para de perguntar por você.

— Eu amo você, cara — solto. — Até quando você era um babaca.

— Eu também te amo, irmão.



Aos 10 anos

— Por que estamos na casa da Barbie? — ouço Luna perguntar. — E porque ela não está aqui?

— Cadê ela? — pergunto baixinho para Bruno.

Ele fica calado, mas continua movimentando o balanço em que estamos sentados, comigo em seu colo. Bruno acha que ainda sou um bebê.

— A Estrela já vai voltar, pequeno — é o que ele responde, mas ele nem está olhando pra mim. Luna volta a perseguir o Léo de um lado para o outro. — Vem cá, bebezinha, deixa o Léo quieto.

Ela é engraçada. Só tem quatro anos, quase cinco, como ela mesma gosta de dizer. Desde que ela nasceu não sou mais o caçula do padrinho, isso me deixa um pouco enciumado, mas sei que ele me ama igual ama ela e o Léo.

Luna é da minha cor e é a menina mais bonita que eu já vi, mas não posso contar para a Anna ou Malu. Elas podem se sentir ofendidas ou ficarem chateadas comigo. As duas também são muito

bonitas, a Malu com as sardinhas fofas no rosto — por isso a chamamos de Estrelinha — e a Anna com aquele cabelão *preto. Eu amo o cheiro do cabelo da Anna.*

— Léo? — a pirralha ignora. — Cadê o barbie? Porque estamos…

— ME DEIXA EM PAZ, LUNA! — me assusto com o grito, segurando mais forte o braço que Bruno usa para me manter em seu colo.

— Leonardo… — olho em direção ao meu padrinho.

Queria que ele fosse meu pai de verdade, igual ele é da Luna e do Léo. Ele é muito carinhoso e gentil com a gente, até quando precisa brigar.

Ele não grita como meu outro pai fazia comigo e com a minha mãe. Meu padrinho também nunca me abandonaria.

Porque ele me ama. Ele é minha família.

Estrelinha está agarrada em uma de suas mãos, com o rosto todo vermelho e Anna está do outro lado, vestindo um casaco dele e olhando pro nada, como se estivesse brincando de estátua. E ela nem tem mais idade pra isso.

— Cadê ele? — Léo pergunta, quebrando o silêncio e olhando para todos os lados.

Gabriel sumiu. Acho que é alguma brincadeira da parte dele, já que sempre acontece isso nos meus aniversários.

Já é 14 de setembro, só que é bem tarde e eu já deveria estar na cama. Eles sempre me acordam com bolo de festa com a minha

idade e hoje estou fazendo dez anos, o que significa que terão dez velinhas e vou poder fazer dez pedidos. Legal, né?

Vou pedir pra ser feliz para sempre, para ter meus amigos ao meu lado, para o meu padrinho e a tia Helena se casarem, para a Luna ficar mais tempo com a gente, para a Malu e o Léo namorarem, para o Bruno não chorar nunca mais, para a Anna nunca trocar de xampu e para o Gabriel me ensinar a andar de bicicleta.

Ainda não pensei nas outras coisas, mas até a hora de acordar, dá tempo.

Malu me olha, depois pro Bruno e para Luna. Ela corre para os braços do Léo, mas não parece feliz.

Por que ela não tá feliz? É meu aniversário, ela disse que ia ser a primeira a me abraçar.

O aniversário do Léo já passou há muito tempo. A Estrela sempre me troca por ele e ainda diz que sou o bebê dela. Grande mentirosa.

— O Gabriel foi embora — ela chora.

Embora? Embora pra onde?

Será que ele não está lembrado que dia é hoje?

Olho para Bruno e vejo uma lágrima escorrer em seu rosto enquanto olha para frente, na direção do meu padrinho. Passo a mão em seu rosto, limpando-o. Esse cara tem o tamanho de uma porta, mas parece uma manteiga derretida, só vive chorando.

— Bruno, o que está acontecendo? — pergunto, segurando seu rosto.

Seus olhos me encontram, mas suas palavras não. Seu rosto está mais branco do que já é e seus olhos não parecem estar felizes.

Me solto do seu aperto, com raiva por ser ignorado e desço do seu colo, ele vai até Anna, a abraçando.

Por que tá todo mundo chorando?

É o meu aniversário.

Será que não estão felizes por mim? Será que vão me abandonar como o meu pai?

Olho de um lado para o outro vendo os quatro abraçados. Luna segura minha mão assustada. Coitadinha, deve estar com medo.

Meu padrinho se abaixa, ficando da nossa altura.

— Por que todo mundo tá chorando? — pergunto baixinho. — Tô ficando assustado.

— Aconteceu uma coisa, neném — ele começa, passando a mão pelo meu cabelo recém cortado. Minha mãe deixou eu escolher um corte bem maneiro pro meu aniversário.

— O Gabriel foi embora?

— Sim.

— E ele vai voltar? — meu padrinho engole em seco, negando com a cabeça. — Diz pra ele que é meu aniversário.

— Vicente, filho… o Gabriel não vai voltar.

— Por que? Foi o Léo que gritou com a Malu. Eu fiquei quieto. Não é justo ele estar descontando em mim e logo hoje.

— Querido, o Gabriel não vai voltar porque aconteceu um acidente. E agora, o anjo foi morar no céu.

Malu e Bruno estão chorando, mas é como se fosse muito longe. A Luna pergunta alguma coisa, mas eu não consigo ouvir. Meu padrinho segura meu rosto e me chama, mas não tenho forças pra respondê-lo.

— Ele morreu? — sussurro.

— Sim.

É meu aniversário.

Isso não é verdade.

— Essa brincadeira não tem graça, padrinho — cruzo os braços, começando a ficar irritado. — Me conta onde o Gabe tá que eu vou buscar ele.

— João — ele segura meu rosto e eu o encaro, seus olhos estão vermelhos e Luna está agarrada em seu pescoço. — Eu nunca brincaram com isso, filho.

— Mas é o meu aniversário. Ele disse que ia passar o dia comigo.

— Sinto muito, meu amor. Vamos dar um jeito nisso.

— Não quero dar um jeito nisso. Eu quero o Gabriel. Sei que está falando isso só para…

— João — olho para trás. Helena, a tia maluquinha da Malu está na porta. Ela vem até mim com o rosto molhado. — Eu sinto muito, querido. Mas você precisa ser forte, tudo bem?

— Mas é meu aniversário, tia. Ele não pode me deixar hoje.

— Foi necessário, lindo — ela se abaixa ao lado do meu padrinho e ele a olha. — Papai do céu precisou da ajuda do Anjo mais cedo do que o esperado.

— Papai do céu está fazendo isso só para me castigar! — meus olhos ardem. — Sou um garoto muito ruim. Ele não faz nada do que eu peço.

Me sento na grama molhada e choro. Muito alto. Choro como se fosse um bebezão, do mesmo jeito que ele me chamava.

E eu nunca aprendi a andar de bicicleta.

Capítulo 18



todo mundo que tentou me alertar, eu agradeço
mas eu já não estava aqui
me perdi em nós e gostei mais de você
do que você gostou de mim
e tudo certo

Idiota *– Jão*

Tainá

Alguns dias depois…

São quase nove horas da noite quando tomo coragem para entrar na sua sala.

— O que foi, Tainá? — meu irmão pergunta, sem sequer me olhar sabendo que sou a única que entra sem bater.

— Só vim me despedir — suas sobrancelhas se franzem e ele finalmente me olha.

— Eu preciso de você aqui, não na Itália. Não posso deixar a empresa nas mãos de qualquer um.

— Não vou para a Itália — engulo o nó que se forma em minha garganta. — Vim me despedir porque essa é a última vez que piso em algum lugar que pertença ao sobrenome Basile.

— Ah, ótimo — ele é irônico. — Não me diga que agora pretende morar com seu namorado e uma filha que não é sua?!

— Nunca mais se atreva a dizer isso na minha frente — soo categórica, a raiva borbulhando em meu sangue. — A Vitória é minha filha. Ao contrário de *você,* sei dar valor ao chão que piso.

— Quem você pensa que é para falar assim sobre mim? — se exalta, levantando-se e pondo as mãos na mesa.

— A pessoa que te conhece a ponto de saber que não é capaz de amar nada além do seu próprio nariz.

— É melhor abaixar…

— Não! — o interrompi, falando ainda mais alto. — Nunca mais ouse me dar ordens como se eu fosse sua filha. Você não é meu pai! Sequer é um bom irmão.

— Aposto que foi aquele garoto que encheu sua…

— Ninguém encheu minha cabeça com nada. Só estou cansada de todo esse circo que você nos transformou. Espero que esteja ciente de que ele estava lá por mim quando precisei, ao contrário de você que estava ocupado demais tentando manter seu império de pé e esqueceu até da nossa mãe!

— Não coloque Giovana em nossa discussão. Eu estive lá.

— E depois? — Gael se cala. — Você esteve lá quando chorei por dias intermináveis? Ou quando precisei ser internada porque estava em choque? Você ainda lembra do que me disse no enterro dela, Gael?

Você deveria limpar as lágrimas e seguir em frente. Sua mãe morreu, quanto mais rápido aceitar, melhor.

— Espero que quando se deitar à noite, lembre-se o quanto egoísta se tornou é que sua fama e dinheiro possa te sustentar quando olhar para o lado e não me ver — desejo, antes de retirar as folhas de papéis que nesse momento, parecem pesadas demais. — Aqui está — as coloca em sua frente, ele abaixa os olhos para tentar ver. — A única coisa que nos liga, não existe mais. Não quero seu sobrenome, muito menos a parte da empresa que me pertence. Eu te amo, Gael, mas desisto de tentar te ajudar.

“Tem um endereço no meio desses papéis, caso você queira consertar uma de suas merdas, essa é a sua chance. E a última vez que perco pessoas que amo, por escolher estar ao seu lado.”

— Não pode fazer isso — diz ultrajado. — Eu sou sua família!

— Minha família está me esperando no carro para jantarmos.

Faz quase um mês que voltei da Itália, e hoje finalmente tomei coragem para vir aqui, acabar com aquilo que estava me matando aos poucos.

Eu viria sozinha, mas Vicente insistiu para vir junto e eu concordei, desde que ficasse no carro.

— Vai mesmo me deixar? — ouço sua voz magoada quando lhe dou as costas.

Volto a encará-lo, com um sorriso triste nos lábios. Um sorriso de quem fez todo o possível, e que mesmo assim não foi o suficiente.

— Não é o que você sempre quis?

Gael fecha a boca e torna a sua postura impassível.

Ainda o encaro por algum tempo, sabendo que deve pensar que em breve voltarei com o rabo entre as pernas fazendo todas as suas vontades. Como sempre fiz.

Tenho vontade de gritar com ele.

Em algum momento você me amou, Gael?

Em algum momento pensou em mim como sua família?

Mas a resposta é sempre o silêncio.

É então que eu desisto.

Desisto do que me dói.

Do que me machuca.

Desisto de quem já desistiu de mim.

Hoje, quando chegar em casa, vou chorar todas as dores que reprimi durante vinte e sete anos.

Vou chorar por tudo que podíamos ter sido.

Por tudo aquilo que nunca fomos.

Vou chorar por todas as vezes que ele disse que me amava enquanto estava bêbado e eu acreditei. Por sempre ter escolhido ele, quando deveria optar por mim.

Mas só hoje.

Hoje, vou remexer minha ferida mais dolorosa. Depois disso, nunca mais.

Vou deixá-la secar, e logo após fingir que ela nunca aconteceu.

Fecho a porta.

Porque uma hora a gente cansa de procurar por algo que não quer nos ter. Então senta na frente de casa e deixa o tempo passar.

Um tempo depois o dia vira noite, você cansa e precisa entrar novamente. Voltar para casa, fechar a porta.

— Como foi lá dentro?

Eu deveria adivinhar que ele não aguentaria esperar no carro e viria até aqui. Mavi está adormecida em seus braços e Vicente parece tentar se controlar para não entrar na sala presidencial.

— Tudo certo — sorrio, me forçando a não derramar uma lágrima.

Beijo as costas da nossa pequena e a bochecha dele.

— Nunca vou me arrepender de escolher vocês.

— Nem quando não deixarmos você dormir para assistir Barbie?

Eu rio, porque esse, definitivamente, será o menor dos meus problemas.

— Nem assim.

Capítulo 19



pra você guardei o amor
que aprendi vendo meus pais
o amor que tive e recebi
e hoje posso dar livre e feliz

Pra Você Guardei O Amor *– Nando Reis*

Tainá

— João, tô indo — entro em sua sala depois de bater na porta duas vezes. — Quer que eu passe na creche pra buscar a Maria?

Dois meses atrás, quando Maria completou três anos, Vicente e Malu finalmente encontram uma vaga para as crianças na creche que é perto de quase tudo; da empresa, de casa e do hospital em que Bruno trabalha. Só a clínica da Malu que é um pouco longe.

— Tem certeza? — me olha desconfiado e eu assinto. — Vou ligar para a diretora da escola e para o Bruno, avisando que você vai buscá-la.

O grandalhão certamente não vai gostar nada disso, já que sempre busca as crianças nas sextas e aproveita para tentar estragá-las. O anjinho não foi hoje, porque está resfriado.

Confiro se as chaves do carro estão na minha bolsa e me viro para sair.

— Cadê meu beijo? — cobra, com o celular encostado na orelha.

Reviro os olhos e sorrio, caminhando até ele e selando nossos lábios. Vicente segura minha cintura quando tento me afastar, tentando me arrastar para o seu colo.

— Hum… oi — ele interrompe o beijo, falando ao telefone. — É o Vicente, pai da Maria Vitória… é, essa mesma — tento me levantar mais uma vez, mas ele enfia a cabeça em meu pescoço, enlaçando minha cintura. — Tô ligando para avisar que a minha mulher vai buscar ela hoje… Tainá Brandão.

Solto uma risadinha quando ele diz “minha mulher” com tanta ênfase.

— Obrigado — agradece, desligando a chamada. — Pronto.

— Pronto — repito, mas me perco quando volta a me beijar. — Já chega, João. Preciso ir.

Ele me solta com um biquinho fofo nos lábios. Beijo-o pela última vez e antes que me afaste, sinto sua mão se chocando contra minha bunda.

— Tchau, linda — se despende quando chego à porta. — Te vejo mais tarde.

— Tchau, te amo.

Ouço-o repetir que também me ama, mas já estou a caminho do elevador.



Me identifico na portaria e aviso que estou aqui para buscar a Maria Vitória.

O porteiro sorri gentil e diz que a sua turma será liberada em dez minutos.

Desde quando começou a estudar aqui, criamos uma rotina agradável. Eu, Malu ou Anna trazemos as crianças, enquanto os homens são responsáveis por buscá-las. Hoje era o dia do Bruno, já que só vai trabalhar no turno da noite, mas acabei saindo mais cedo, então prefiro buscar a pequena para passarmos um tempo sozinhas.

Desperto dos meus pensamentos quando o portão se abre e algumas crianças saem, agitadas. Procuro a minha no meio delas e não a encontro. Estou quase entrando quando ela aparece, correndo com a mochila maior que ela mesma. Mavi para no meio do pátio e parece procurar o pai, mas quando me encontra sorri e começa a correr.

— *Mamãe!*

Fico em choque. Parada, sorrindo igual uma idiota.

Estendo os braços e a carrego quando se joga para mim. Beijo sua bochecha várias vezes até ouvir seu riso.

— Que linda, princesa — giro-a no ar, ainda sem saber o que falar direito. — Eu estava morrendo de saudades.

— Eu também, mamãe.

Continuo olhando-a. Pensando no quanto minha vida mudou desde que a conheci. Ainda lembro da primeira vez que me abraçou, que me chamou de Naná e de todas as vezes que diz estar com saudade quando passamos um dia longe.

Estou com vontade de chorar. Muita.

Não por que não estou feliz por me chamar assim, e sim porque não sei se faz isso espontaneamente.

— Do que me chamou?

— Mamãe.

Sinto meus olhos marejarem na mesma hora, meu coração acelera e minhas mãos soam.

— Você quer que eu seja sua mamãe, meu amor? — pergunto, a voz embargada. Ela assente, brincando com o botão da minha camisa. — Por que?

— *Puquê* dá beijinho *em eu* e no papai.

O que é amor para você? Minha mãe me perguntou uma vez, quando tinha 10 anos.

Eu respondi: *coxinha de frango.*

Era a minha coisa favorita no mundo inteiro e eu amava qualquer pessoa que me desse uma. Meu pai adorava isso, e me entupia de coxinhas. Sinto falta dele. Sinto falta deles.

Se perguntar o que é amor para Maria, ela vai responder beijinho. É a forma em que ela entende que é amada, e que demonstra amar.

— Você não quer ser minha mamãe?

Pergunta, me olhando com os olhos pequenininhos e vermelhos.

— Ser sua mamãe seria o presente mais bonito que eu poderia ganhar, Maria.

Meus lábios tremem quando ela beija minha bochecha e abraça meu pescoço.

Acho que, no fim, o amor é aquilo que não esperamos. O que aparece quando menos temos expectativas.

O amor está nas coisas mais simples do dia.

— O que vamos lanchar? — pergunto, mas já sei a resposta.

Mavi sorri, levantando os bracinhos em comemoração, e diz:

— Pizza!

Capítulo 20



eu não sei
por que insistem em tentar
mas eu sei
que nunca vão nos alcançar
te encontrei
seu abraço virou meu lar
eu não me preocupo mais
em ter um lugar pra voltar

Buzz Lightyear *– Pineapple StormTv (Choice, Azzy)*

João Vicente

Quando chego em casa, nenhuma das duas vem até a porta me cumprimentar como normalmente fazem.

Semicerro os olhos, tentando entender o que está acontecendo. E só então ouço o riso da nossa pequena vindo da

cozinha.

Tiro os sapatos, deixando-os na entrada, coloco minha maleta em cima do aparador e caminho até lá enquanto desfaço o nó da minha garrafa.

Paro no batente, observando as duas vestidas iguais; com roupões felpudos rosa e cabelos molhados. Mavi está sentada na pia, mexendo com uma colher de pau em um pote preto, misturando o que parece ser uma massa.

A outra está se dividindo em mexer uma panela no fogão e verificar se nossa filha está segura.

Nossa filha.

Não é um pensamento de agora. Não é algo novo para mim.

Essa é a *minha* família.

Só nunca falei com Tainá sobre o que ela achava de cuidar de um bebê que não saiu dela e mesmo assim ela continua aqui.

Ela a coloca para dormir, dá comida na boca, brinca, assiste desenhos repetitivos, leva ao banheiro.

— Acho que já está bom, não é, neném?

Mavi assente e aproveita para lamber um dos dedinhos sujos de massa de bolo.

— Vamos lavar as mãos? — Tainá pergunta, tirando a vasilha de perto da pequena.

— Sim, mamãe.

Continuo estático.

Meu. Deus.

Tainá a pega nos braços e acho que estão indo na direção do banheiro quando me avistam.

— Papai! — a pestinha grita, cumprimentando, mas não dá nenhum sinal para que eu a pegue.

Tainá parece sem graça por ser pega no flagra. *Mal sabe ela que por dentro, estou explodindo de felicidades.*

— Posso saber o que as senhoritas estavam fazendo na minha cozinha?

— Bolo de chocolate pro vovô e pra vovó — a pestinha responde. — Com *bigadeiro* e *molango*.

Me aproximo e beijo sua bochecha gorducha, enquanto a outra continua muda.

— Deve estar uma delícia — digo, não colocando muitas e esperanças no sabor da… *especiaria.* — E você e a mamãe já tomaram banho?

Tainá parece, finalmente, respirar aliviada quando a palavra *mamãe* sai da minha boca.

— Sim, tem que lavar a mão — responde, e como se não fosse o suficiente, aperta meu nariz com a mão suja, fazendo a mãe rir. — E o *naliz* do papai.

— Espertinha — cutuco sua barriga e a carrego, ouvindo-a rir. — Vamos nos limpar.

Enquanto me esquivo de Maria, que tenta me sujar ainda mais, ouço-a dizer baixinho;

— Achei que fosse ficar chateado.

— Nunca — me inclino para lhe dar um selinho.

— Eca!

— Que foi, garota? — implico e esfrego a barba no seu pescoço, ouvindo ela rir e reclamar ao mesmo tempo, antes de segurar Tainá em um abraço triplo desajeitado. — Eu amo vocês.

— Te amo, mamãe e papai.



Você mudou o nome do grupo de **“ALGUÉM ME TIRA DESSE CARRO”** para **“sempre sou o último a saber de tudo”**

Eu: Se eu soubesse que era assim, eu nem vinha.

Luna: Tá vendendo champanhe e catando latinha também?[9]

Eu: Haha. Não tem graça.

Bruno: Tô chegando. O que tá acontecendo?

Eu: Se eu fosse você, nem vinha.

Tainá: Vicente…

Eu: Estou mentindo?

Luna: João, às vezes você precisa se preservar.

Malu: Pois é, João.

Eu: Tá bom. Vou fingir que não estão estragando um dos melhores dias da minha vida.

Ignoro todas as mensagens que enviam e presto atenção nas crianças, brincando com meu padrinho e Helena como se não se vissem a anos.

Vejo quando Tainá se afasta das outras mulheres presentes e se senta ao meu lado.

— Amor, pelo menos disfarça essa cara — beija minha bochecha e aperta minha mão.

— Não consigo. Não acredito que isso vai acontecer.

Era para ser um jantar normal. Adivinhe minha surpresa quando chego e encontro o Flávio *e a família dele*. Aqui. Na casa do padrinho. Onde *nós,* que somos uma *família,* jantamos todos os sábados. É um evento fechado. Nada de intrusos.

Não acredito que ele vai pedir a Anna em casamento. Está meio óbvio que isso vai acontecer. Que outro motivo, se não esse, os fariam estar aqui?

— O Bruno vai ficar arrasado se ela disser sim.

— Ela tem a opção do não, Vicente.

— Do jeito que ela anda tratando ele, é capaz de casar só para ver ele sofrer.

— Você já fez coisas parecidas para vê-lo sofrer.

O tom de acusação não me assusta. Os dois se tornaram bem próximos nos últimos meses, e apesar de ter sentido um pouco de ciúmes no começo, entendi que não passava de amizade e agora os dois são quase *BFFS.*

Solto o ar dos meus pulmões quando Léo e Bruno chegam. Não demora até que o jantar comece.

Lanço um olhar para Bruno e ele faz o mesmo para mim. Aponto para fora, como um convite para irmos embora. Invento qualquer coisa para que ele não precise presenciar isso, mas ele nega. Aposto que sabe o que vai acontecer e mesmo assim continua aqui.

Leonardo me chuta por debaixo da mesa e sinaliza para Flavio, que se levanta e parece estar nervoso. *Filho da puta.*

Então o show começa.

Ele diz o quanto ela é incrível, e a mulher perfeita para ele. Diz um milhão de coisas que eu não dou a mínima,porque estou encarando minha amiga, olhando para ele como se estivesse imaginando outra pessoa ali. Como se aquilo não fosse real.

— ... então aqui, diante da nossa família, quero perguntar: você aceita se casar comigo?

Nenhum de nós diz ou esboça reação alguma. Ao contrário da família do infeliz que não tira o sorriso do rosto, é irritante. O padrinho parece um tomate de tão vermelho.

Anna fica em silêncio, olhando para Flávio chocada demais para pronunciar qualquer palavra. Ela olha ao redor, focando em cada um de nós e se demorando em Bruno, como numa conversa silenciosa.

Anna volta a encarar o namorado, e esse é o estopim para ele.

Bruno não interrompe o momento, não faz um escândalo ou chama atenção. Ele só se retira da sala. Sem barulho, sem alarde. Como sempre fez.

Fim.

Epílogo



na bruma leve das paixões que vêm de dentro
tu vens chegando pra brincar no meu quintal
no teu cavalo
peito nu, cabelo ao vento
e o sol quarando nossas roupas no varal

Anunciação *— Alceu Valença*

Tainá

Alguns meses depois

— *Shiiu!* — me repreende, quando deixo uma colher cair em cima da mesa. — Não pode acordar o papai, mãe.

Sorrio do seu jeitinho.

— Eu sei, amor — cochicho, passando a mão em seus cachinhos castanhos. — Mas é que a mamãe se distraiu.

— Tudo bem então — concorda, revirando os olhinhos. — Posso te mostrar o presente que eu fiz pro meu papai?

— Fez um presente pro papai? — semicerro os olhos, olhando-a enciumada. — Eu não ganhei presente nenhum.

— Eu sou o seu presente! — ralha, toda irritadinha, apontando para si mesma. *Minha cópia fiel*, como diz Vicente, tenho que admitir. — O papai me fez para você, lembra?

Não estou pronta para ver essa criança crescer.

Ela até coloca as mãozinhas na cintura, para parecer bravinha por eu não lembrar do que seu pai falou quando contamos da gravidez.

— Não está mais aqui quem falou — levanto as mãos, em rendição e ela sorri, a primeira janelinha já aparecendo. — Vai buscar o presente, eu quero ver.

Ajudo-a a descer da bancada da cozinha e ela sai saltitante pela casa, em direção ao seu quarto, enquanto termino de arrumar a bandeja com o café da manhã do aniversariante.

Maria volta alguns minutos depois, com um papel em mãos, todo coloridinho.

— Não é lindo, mamãe? A minha professora escreveu no papel *pra eu* fazer direitinho em casa.

Até riria, se não estivesse emocionada demais para isso.

É um desenho da nossa pequena família. Vicente e eu seguramos sua mão e uma barriga enorme se faz presente no meu corpo.

— O Gabriel disse que sua barriga vai ficar desse tamanho, igual uma melancia.

Passo a mão livre pelo meu ventre, com um mínimo relevo enquanto analiso o desenho. Estou na décima quinta semana de gravidez e não poderia estar mais feliz.

— Não gostou, mãe? — pergunta, parecendo insegura. — Eu posso fazer outro.

Mavi desenhou seu cabelo cacheado preso em duas marias-chiquinhas, colocou as pulseiras que a presenteei no aniversário de quatro anos e até o lacinho rosa que ela adora.

Ela até sinalizou quem é quem. E nos encheu de coração.

Olho para o topo do papel, onde está escrito a declaração de amor mais linda que já vi na vida.

“Te asno familia"

Acho que ela se confundiu com o “M” minúsculo e acabou saindo isso. É engraçado e ao mesmo tempo *tão* fofo.

Limpo as lágrimas que escorrem, emocionada quando percebo um pequeno anjo desenhado em cima.

Ela fica de pé na cadeira, igualando sua altura à minha, e beija minha bochecha.

— É muito lindo, filha. É o desenho mais bonito que já vi na vida.

— Também acho — diz, orgulhosa. — Vamos mostrar para o papai?

Coloco seu desenho em cima da bandeja e juntas, caminhamos até o último quarto do corredor. A porta está aberta, do jeito que deixei. Entramos sem fazer barulho.

Deixo a bandeja em cima da mesinha de cabeceira e ajudo Mavi a subir na cama.

— Pai — ela chama baixinho, para acordá-lo. — Papaizinho, acorda.

Vicente resmunga, se virando na nossa direção. Ele abre os olhos devagar, e assim, noto que ainda estão vermelhos. Dormiu chorando ontem, depois que chegou da casa do Bruno.

13 de setembro, nunca será uma data boa para nenhum deles. E para Vicente, nem o dia 14 é.

Mas é seu aniversário e, dessa vez, será diferente. Por que nós três estamos aqui para garantir que, ao fim do dia, ele esteja sorrindo.

— Bom dia — dizemos juntas.

Ele coça os olhos, sorri e senta na cama.

— Tudo isso para mim? — pergunta.

— Sim — Mavi responde, empolgada como se o aniversário fosse dela. — Gostou, *papi*?

— O papai amou — sorri ainda mais. — Vou escovar os dentes para poder beijar minhas princesas.

Vicente caminha rápido até o banheiro e não demora a voltar.

— Agora sim — murmura, enchendo nossa filha de beijinhos. — Bom dia, minha pretinha.

— Já disse bom dia, pai — resmunga, tentando empurrá-lo para longe, rindo.

— Bom dia, neném — beija minha barriga. — Bom dia, amor da minha vida.

E me beija.

Nada mudou por aqui. Estamos completando um ano e meio juntos e todos os dias parecem a primeira vez.

— Parabéns, amor — desejo, não escondendo o meu sorriso.

— Olha o presente que eu fiz pra você, papai — a outra diz, animada apontando para papel.

— A senhorita que fez? — ele pergunta, fazendo graça.

Seus lábios tremem quando lê o que está escrito, mas vacilam quando percebe o anjinho. Os olhos bonitos, marejam, mas ele é rápido em limpar as lágrimas antes que nossa pequena perceba.

— Sim — responde, orgulhosa. — A mamãe disse que é o mais lindo que ela já viu.

Estou começando a concordar com o Enrico e sua teoria de que Mavi é uma miniatura de Luna.

— Concordo com ela — diz, com o cantinho da boca tremendo. — Eu sou bonitão, né?

Nós duas rimos.

— Parabéns pro papai! — Maria grita, pulando na cama e batendo palminhas.

Vicente ri e se senta, me puxando para o seu abraço e chamando Mavi para se juntar a nós. Sua mão pousa na minha barriga, e ele se divide em tentar nos beijar ao mesmo tempo.

— Esse é o melhor aniversário da minha vida.

Amar o João sempre foi fácil.

Ele chega com esse jeitinho bobo e ao mesmo tempo tão… *ele,* que se torna impossível não querer passar a vida inteira ao seu lado.

Porque isso aqui, é tudo que desejo. Eu, ele, nossos filhos e um gatinho chamado Alfredo, que por sinal, acabou de se esfregar na minha perna.

Quando me mudei para esse apê, Malu apareceu com ele filhotinho. Disse que era um presente para nós e quando o Vicente disse que não queria nenhum bicho em casa – até porque os dela vivem mais aqui do que lá –, os olhinhos dela marejaram e eu não aguentei. Ninguém resiste à fofura da Malu.

Algumas semanas depois, ele veio com uma história de que o apartamento estava ficando pequeno para nós três. Detalhe: moramos em frente ao Léo e a Malu, que tem um filho, está à espera de outro e nada menos que quatro gatos.

Ele insistiu tanto nessa coisa de espaço, que eu e minha delicadeza de elefante, perguntamos logo o que ele estava querendo dizer.

Foi nessa hora que eu comecei a chorar; quando no fim de um jantar em família, quando voltávamos para casa, uma caixinha de veludo vermelha foi colocada em meu colo.

Preciso dizer que surtei? Acho que não.

Achei que estava sendo pedida em casamento, mas foi muito melhor que isso.

Vicente fez uma curva diferente do caminho em que nos levava para casa. Estranhei, então ele me pediu para abrir a caixa, onde tinha uma chave dentro.

Maria estava no banco de trás, dormindo, mas acordou com o barulho do meu choro.

— O que foi, mãe? — ela perguntou, preocupada e alheia ao que estava acontecendo.

— Você já vai saber, filha — respondeu por mim.

A casa é enorme. Em um condomínio fechado. Nem preciso dizer onde é, né?

Em Búzios. Onde ele prometeu que envelheceremos juntos há alguns anos atrás.

Um lugar lindo, onde vamos ver nossa filha crescer. A princesinha foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Quero estar em todos as apresentações de ballet que ela participar, e estarei na primeira fila da sua formatura vibrando como se fosse a final da copa do mundo.

Ela vai morrer de vergonha, mas não vou deixar de fazer isso todas as vezes que tiver a oportunidade.

Vou guardar seus segredos e aconselha-lá. Vou ensiná-la a amar seu irmãozinho ou irmãzinha, e mostrar que nunca, em hipótese alguma, devem se afastar por besteira ou orgulho.

Vou mostrá-la como não se tornar uma outra versão de Gael e eu.

Amo meu irmão. Tudo que mais quero é que, um dia, apareça na minha porta e que recomecemos. Não precisa me pedir perdão. Não precisa mencionar nosso passado. Só quero ele e a nossa união de volta.

Ainda consigo lembrar de quando éramos pequenos e dividíamos o medo do escuro.

Minha casa era modesta em comparação a do Gael, então, quando ele passava uns dias por lá dividíamos o quarto. Lembro da nossa mãe entrando no quarto depois de apagar as luzes e cantar uma canção de

ninar que dizia afastar o mal. Também lembro de ouvir o Gael cantando a mesma musiquinha da última vez que o vi bêbado.

No mesmo dia que disse que me amava pela última vez.

De vez em quando, aquele *traga nosso menino de volta,* mezzo[10], é sussurrado no meu ouvido.

E então lembro que não consegui.

Gael escolheu ele mesmo, ao invés de nós dois. Não vou fingir que não fico afetada. Dói demais todos os dias.

Queria poder compartilhar tudo que vivi nos últimos tempos com ele, mas não tenho mais forças para lutar por nós.

Vicente não pode saber com que frequência penso no meu irmão. Ele acha perda de tempo, mas eu ainda tenho esperanças.

De volta ao presente, desperto dos meus pensamentos quando ouço a campainha tocar. Seguimos nós três até a porta, de onde entram um batalhão de pessoas.

É claro que eles apareceriam.

— Parabéns pra você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida…

As palmas ecoam pelo apê. Enrico coloca um chapeuzinho de papel na cabeça dele e aperta sua bochecha antes de o abraçar.

A manhã é agradável. Casa cheia, conversas altas e risos contagiantes.

Não deixo de notar o quanto cada um deles são fortes. Ontem, estavam todos calados e com rostos vermelhos. Hoje, sorriem e ainda conseguem driblar a dor da saudade.

É a família que eu sempre sonhei.

Após o almoço – que Bruno e eu improvisamos –, Léo busca um bolo no apê da frente. Cantamos parabéns novamente. As crianças são as mais animadas.

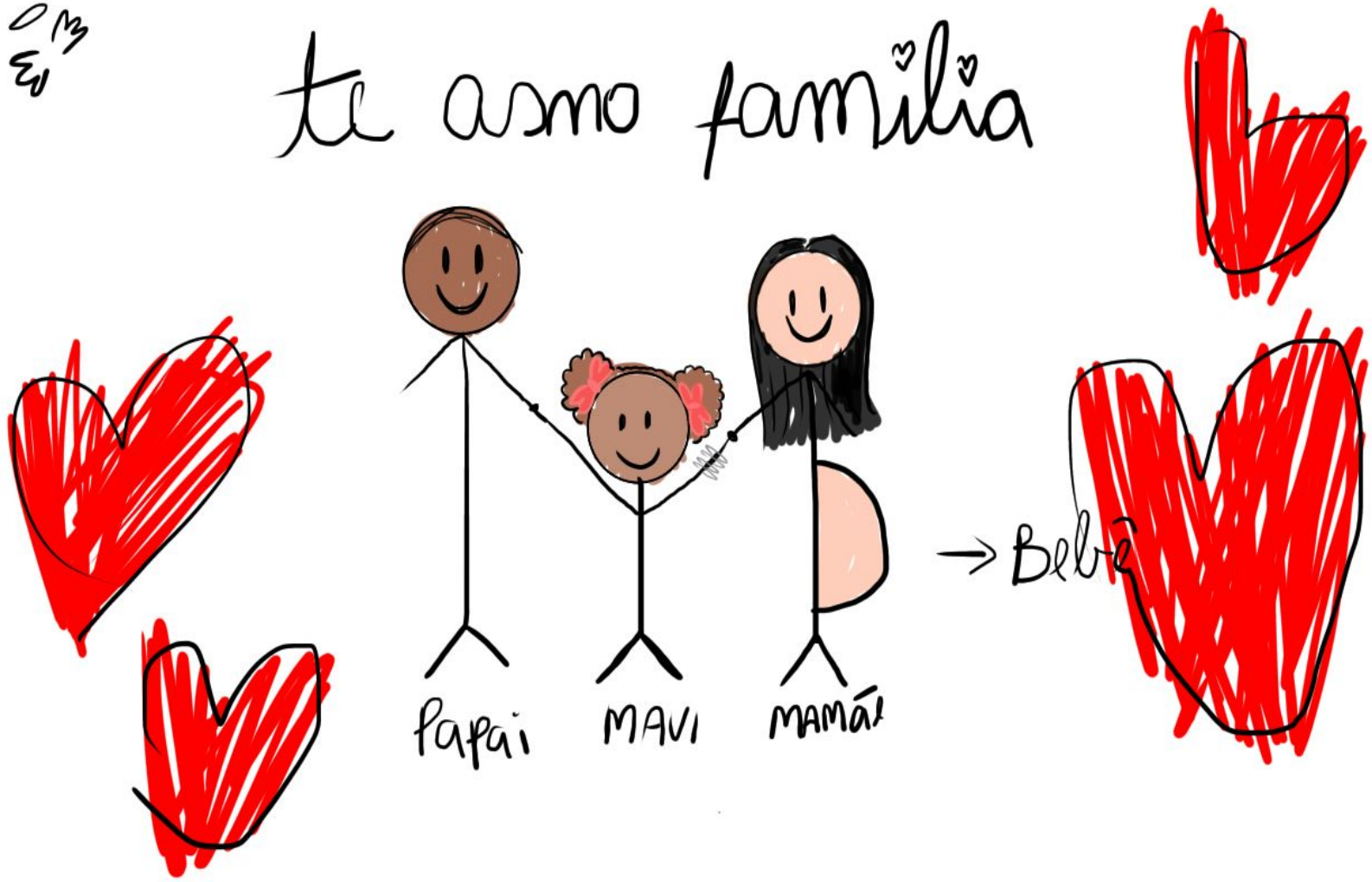
Quando assopra as velinhas do bolo, ouço seu sussurro baixo;

— Obrigada por me dar motivos para sorrir novamente, Anjo.

Fecho os meus olhos e também agradeço.

Obrigado por ter me colocado no caminho do homem que me faz feliz. Obrigado por ter me dado uma família.

Eu queria ter te conhecido, Anjo. Acho que teríamos sido bons amigos.


Eu
te amo família
Papai
MAVI
MAMÃI
→ Bebê

Gabriel Lobos

em algum lugar do paraíso…

Tum-tum. Tum-tum. Tum-tum.

Ouve isso? É o som de mais uma vida chegando para a família.

Anna Bárbara Brandão Martins. A quem, em breve, será apelidada de furacão.

Estampando um sorriso radiante no rosto, Vicente limpa as lágrimas após a doutora anunciar a chegada de mais uma menininha na família. Tainá reúne as forças que não tem e aperta a mão do marido, parado, em êxtase, como se fosse desmaiar a qualquer momento.

Já reparou que todos os meus amigos são uns molengas?

Léo desmaiou quando soube do anjinho, Vicente chorou quando viu a Maria pela primeira vez e o Bruno… é, o Bruno se emociona com tudo.

Todos estão do lado de fora do hospital, esperando ansiosamente para saberem o resultado do bolão para o sexo do

bebê. Os homens apostaram menino, como da última vez, antes da pequena Larinha nascer e perderam feio, assim como dessa vez.

— Você é uma manteiga derretida.

— Para com isso, mãe.

Ela ri, sabendo que odeio ser pego chorando.

— Ele cresceu, né? — diz.

— Sim — confirmo, com um sorriso no rosto.

Tenho orgulho do meu bebê. Ele soube ser maduro em momentos onde ninguém acreditava nele.

Assumiu a responsabilidade de uma criança sem pensar duas vezes e se saiu muito bem nisso. E olha que ele nunca havia trocado uma fralda na vida.

Quando o amor bateu em sua porta mais uma vez — ou melhor, apareceu no seu andar de trabalho —, ele soube decidir qual opção valia mais a pena: seu orgulho ou seu coração.

Vicente sempre foi o favorito de todos. O nosso protegido, aquele que ninguém encostava sem que um de nós revidasse na mesma moeda.

Vê-lo crescer e criar uma família, me traz uma sensação de dever cumprido, mesmo que ainda falte uma parte dessa história para consertar.

— Tá demorando demais, dindo Léo.

Minha garotinha, Mavi, reclama. Seus cachos escuros estão cada vez maiores e os traços cada vez mais parecidos com os do pai. Ela fala e gesticula, se divertindo com o tilintar que as

pulseirinhas de prata que a mãe a presenteou no último aniversário fazem.

— É porque o bebê tem preguiça — meu anjinho, Gabriel, responde. — A Lara também foi preguiçosa.

Lara foi mais rápida do que a Bárbara. Cinco horas de parto e minha segunda garotinha, que está descansando seu sono da beleza nos braços da avó, veio ao mundo. Leonardo não desmaiou dessa vez, mas chorou por duas horas seguidas.

Anna ri, achando o diálogo dos dois engraçado.

— Precisam ter paciência, crianças.

Sorrio com a pergunta que vêm a seguir.

— Madrinha — Gabriel – o outro, não eu – chama. — De onde vem os bebês?

Existe um segredo sobre crianças com sobrenome D'Ávilla e derivados: elas fazem perguntas um tanto exóticas… e verificam a respiração do avô todas as vezes que ele cochila.

Maria inclina a cabeça, como se só agora pensasse nesse assunto.

— É — concorda. — De onde eles vêm? Nos desenhos eles nascem da cegonha, mas não tem cegonha aqui no hospital, só no hospital da dinda Estrelinha. E o bebê estava dentro da barriga da minha mãe, como ele foi para lá?

— E como ele vai sair?

O anjinho – que de anjo, só tem o nome – mexe nos cabelinhos dourados, confuso. É um gesto fofo, que suas sardinhas

ajudam a salientar.

— Bom, é simples… — Anna começa.

— Em breve os pais de vocês explicaram isso — Bruno interrompe, sabendo que a outra não saberia explicar na linguagem das crianças.

— Lá vem ele — Leonardo diz apressado, olhando em direção ao corredor.

Com lágrimas nos olhos e touquinha cirúrgica, Vicente olha de um em um, e diferente da última vez, seu sorriso é da mais pura alegria que existe. Acompanhou a gravidez e o parto, coisa que não aconteceu da última vez. Nada o deixará tão feliz quanto hoje. Não quando tem três garotas só para ele.

Ele estende o braço e chama sua neném. Mesmo todo dolorido após treze horas de parto, tem o prazer de estar segurando sua pequena quando diz;

— É uma menina!

Bruno e Anna se abraçam. Malu cai no choro. Léo e Luna pulam como loucos, enquanto Helena e Enrico não sabem onde enfiar tanta felicidade pela chegada do quarto netinho.

Anos atrás, quatro, para ser mais exato, Vicente batia a porta do seu apartamento com um pacotinho nos braços.

Ninguém nunca imaginou que esse seria o futuro do bebê. Casado, com duas filhas e um gato mal humorado, que aliás, se chama Alfredo – *numa boa, quem dá um nome desses para um gato?*

Estão *quase* todos satisfeitos, com suas famílias completas e sorrisos radiantes.

Léo e Malu estão curtindo a maternidade pela segunda vez. Agora são eles dois, Gabriel, Lara e quatro gatos de personalidade duvidosas.

Enrico e Helena acabaram de voltar da terceira lua de mel desde que reataram. Ainda estão descobrindo como dar conta de tanta gente e cinco cachorros, mas isso não os faz menos felizes. Muito pelo contrário.

Luna acabou de voltar de uma viagem da Bahia e não podia estar mais feliz – vocês descobriram o porquê daqui a um tempo.

Tudo parece estar voltando para o seu devido lugar.

Talvez, daqui há muito tempo, eles entendam que tudo acontece por um bem maior.

Por enquanto, ainda vão passar noites acordados se perguntando como tudo poderia ter sido diferente se eu estivesse com eles. Ainda vão chorar por alguém que não vai voltar.

Um dia, vão entender que a vida pode ser bonita e gentil, mas não sem um coração partido.

E, bem… como eu disse; serei o responsável por consertar cada um dos que quebrei.

Aqui, nos despedimos mais uma vez. Mas, calma. Ainda temos alguns capítulos até todos os corações estarem cicatrizados.

As *promessas* acabaram*.* Mas em breve, nos veremos. Em uma árdua e difícil *escolha* entre o amor e o perdão.

Maria Vitória

Aos 18 anos…

Lara mudou o nome do grupo de **“Não esquecer de passar no mercado”** para **“Gabriel não deixa ninguém dormir em paz”**

Lara: Não quero mais dormir do lado do Anjo!

Gabriel: Qual o problema, sua chata?

Lara: Você ronca muito alto, não me deixa dormir.

Babi: O Anjo não ronca, quem ronca é a Maria.

Eu: EU NÃO RONCO!!!

Gabriel: Não tenho nada a declarar, minha consciência está limpíssima.

Lara: Claro que está! Não foi você quem não dormiu a noite toda.

Lara: Eu tenho uma oferta!

Rafaela: Lá vem!

Lara: Troco o Gabriel pela Babi.

Rafaela: Depende. Você vai pagar a pizza hoje?

Lara: Sim.

Eu: Feito!

Babi: EBA!

Gabriel: O QUE?

Viro minha cerveja, rindo da algazarra que o grupo se transforma, quando a notificação de um novo grupo criado me chama a atenção.

Gabriel criou o grupo **“trio da alegria”**

Gabriel: Uma pizza??? Fala sério! Eu valho mais que isso.

Eu: Vale duas pizzas.

Rafaela: Eu diria uma e meia.

Gabriel saiu.

Você adicionou Gabriel.

Eu: Deixa de ser dramático.

Rafaela: Quem vai contar pros nossos pais?

Gabriel: A Maria.

Rafaela: Assunto sério agora.

Rafaela: Tenho que encontrar uma pessoa.

Gabriel: Chegamos aqui ontem, como você conheceu alguém nesse tempo?

Rafaela: Tenho um amigo por aqui.

Eu: E o que a gente vai fazer?

Rafaela: Saímos os três juntos.

Gabriel: Não vou segurar vela pra você.

Eu: Nós dois vamos para outro lugar, gênio.

Rafaela: Amo vocês!!!

Eu: Vou pensar no que quero como pagamento.

Gabriel: Eu não concordei com nada disso!!!

Me jogo no sofá na mesma hora que o anjo desce as escadas emburrado. Observo quando caminha até a cozinha, onde nossas mães estão preparando o almoço e volta menos de um minuto depois, com uma cara de cachorro que caiu do caminhão de mudanças.

— O que foi, Gabriel?

— Me enxotaram da cozinha — dramatiza, antes de se deitar do meu lado, olhando para o teto.

Rio do seu drama.

— Expulso da minha cama e trocado por uma pizza… quem me viu e quem me vê.

Vinhemos passar o fim de ano em Salvador. E mesmo que a casa tenha vários quartos, nós, os filhos, acabamos tendo que ficar todos em um quarto só.

— Para com isso, tava doidinho pra dormir do meu lado que eu sei — cutuco sua costela e ele se encolhe rindo.

— Onde vamos?

— Não sei.

— Vamos seguir a Rafa?

— Não, Gabriel. Ela já é de maior, para com esses ciúmes bobos.

— Não é ciúmes bobo. A gente não sabe quem é esse cara — pigarreio quando ele diz. — Você sabe…

— Não…

— Me conta, Maria.

— Não posso, Anjo.

Ele bufa e cruza os braços, voltando o olhar para o teto.

— Para com isso, Gabriel. Não posso contar e pronto.

— Vocês duas vivem me excluindo — apesar do tom brincalhão, noto a indireta.

Não deixa de ser verdade. No último ano muita coisa mudou, e uma delas foi a nossa relação. Mas esse é um assunto para outra hora.

— Esse é um assunto da Rafa, e eu descobri sem querer — apoio a cabeça na mão e acaricio seu cabelo com a outra.

— Hum, tá.

— Vai ficar emburradinho? — cutuco de novo, vendo-o se encolher e tentar segurar o riso.

— Para — pede, caindo na gargalhada. Subo em cima dele quando tenta levantar e intensifico as cócegas.

— Diz que ama — provoco.

— Eu digo… eu digo…

Paro com as cócegas e abaixo minha cabeça, sinalizando que estou ouvindo. Gabriel segura um cacho que insiste em sair do lugar e aproxima a boca do meu ouvido. Desnecessário, porém gostosinho.

— Eu te amo.

Dizer isso é algo recorrente entre nós, mas dessa vez, parece diferente. Olho em seus olhos, procurando por algum indício de que estou errada, mas não.

Nossos narizes se tocam quando o encaro, mas ele não está olhando para os meus olhos e sim para minha boca.

Relaxo o corpo em cima do dele, que no último ano, cresceu consideravelmente. Só agora noto que não é mais o meu pirralho.

Olho para sua boca também e penso se seria loucura nos beijarmos agora? Eu acho que não, por isso fecho os olhos e me aproximo. Sinto sua respiração descompassada bater no meu rosto,

mas antes que aconteça, ouço o barulho do portão abrindo e arregalo os olhos, vendo os seus da mesma forma.

Me jogo ao seu lado novamente ao mesmo tempo que a porta se abre e nossos pais e padrinho entram, carregando as compras e sendo seguidos por Babi e Lara. Olho para trás, vendo minha madrinha Anna nos olhando fixamente, parecendo pensativa.

— Maria, eu comprei seu chocolate — meu padrinho Bruno diz, se abaixando no encosto pra beijar minha testa.

— E eu? — o outro resmunga.

— Você disse que estava de dieta.

— Não ganho chocolate, não ganho beijo… — fala a última parte mais baixa, me olhando de canto. Meu padrinho parece não entender, porque se abaixa novamente para beijar a testa dele também.

— Eu vou cobrar isso depois — ele sussurra no meu ouvido, antes de se levantar e subir as escadas.

E eu não vou reclamar, lindo. Pode apostar.

agradecimentos

Vicente deu trabalho. Nunca imaginei que uma história tão simples fosse me cansar tanto.

Ele demorou muito para falar comigo e explicar o que queria. No fim das contas, ele é tão indeciso quanto eu. Tainá veio um pouco mais rápido. Meio tímida no começo, se fazia de sonsa comigo, mas quando coloquei ela no papel, parecia que as palavras saiam sem nem mesmo pensar. E Mavi, não preciso nem falar, né? Desprovida de vergonha desde sempre (e para os curiosos de plantão; sim, ela e Gabriel terão um livro só deles).

Terminar esse livro não foi fácil. Tive bloqueios intermináveis e dias de não aguentar mais abrir esse arquivo e escrever a mesma ladainha mil vezes até ficar do jeito que eu queria. Mas, sabe o que eu descobri enquanto escrevia esse livro? Eu não mando em nada.

Planejei um drama de novela mexicana pra esses dois. Queria choro, dor, depressão e tristeza. Mas aí, Deus segurou na minha mão e disse *“filha, isso aí fica pro terceiro livro”* (rindo para não chorar).

Mas enfim, voltando ao que interessa, eu nunca sei o que dizer quando chega nos agradecimentos. Então, como sempre, gostaria de agradecer a Deus, porque em meio a tantas noites em claro, não me deixou sozinha em nenhuma sequer.

À Pigmalateia, por ser sempre tão paciente e por me ajudar em *tudo* o que diz respeito a essa série. Foi a pessoa mais aleátoria que conheci no twitter e que pretendo levar para o resto da minha vida.

À Blythe, a irmã que ganhei desde quando escrevia TANM, e a única pessoa que não se ofende quando deixo dias no vácuo (porque ela é pior do que eu). Obrigada pelas orações, amorzinho. Eu, você e o Abba para sempre.

À Bel, que conheci há pouco tempo mas que se tornou uma grande amiga. Obrigada pelos surtos.

À Fernanda, minha primeira leitora, aquela que ouve meus surtos quando penso em desistir de escrever. Obrigada por estar sempre aqui, mesmo de tão longe.

À Isamara, que topou me ajudar de última hora com a LS.

Às minhas parceiras, em especial Phanny (@gossipdoslivros) e Malu (@vitybakker), que estão me ajudando nesse lançamento. Obrigada por toparem essa loucura.

Por último, à você. É, você que está do outro lado dessa tela — seja ela qual for. Aos que estavam esperando esse lançamento e aos que caíram aqui de paraquedas. Cada um de vocês, contribuíram para a publicação desse livro. Então eu quero agradecer à todes.

Obrigada pelas mensagens, pelos surtos, conselhos, e principalmente, pela paciência. Não sei o que faria sem cada um de vocês.

Te espero no meu próximo lançamento *(talvez, eu tenha deixado o título do que vem aí lá no fim)*

Com amor,
Júpiter.



Nascida e criada em Salvador, cristã, leitora e fã de Friends, L. Júpiter nasceu em 2004 e é apaixonada por histórias de amor com finais felizes — e muito sofrimento.

Escreve toda e qualquer coisa que as vozes da sua cabeça sussurram, e tem um fraco por clichês invertidos.

Começou a escrever ainda criança, por incentivo do avô e suas milhares de histórias que até hoje não descobriu se são mesmo verdadeiras.

Atualmente, tem 4 histórias publicadas e estreou na Amazon como escritora de romances com o título “Todas As Nossas Mentiras”.

redes sociais

@autorajupiter

Nos vemos novamente em…

SPIN-OFF DE

TODOS OS CORAÇÕES PARTIDOS



L. JÚPITER

sinopse
prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Epílogo
Bônus - Gabriel Lobos
Bônus - Mavi
agradecimentos
Nos vemos novamente em…

---

[1] Minha metade, em italiano.
[2] mãe, em italiano.
[3] Quero comer.
[4] Editora que pertence ao Enrico, protagonista de “Se Ainda Houver Motivos”.

[5] Basile Hotel’s, empresa de hotelaria da família da Tainá.
[6] Amigos para Amantes.
[7] Peça de espuma ou plástico que envolve um microfone, usada por jornalistas.
[8] Estrelinha.
[9] referência a música “deixe-me ir”, de 1Killo.
[10] minha metade, em italiano.